Atma-Jnana

Autoconhecimento

Swami Abhedananda

Aos
Pés de lótus
de

Bhagavan Sri Ramakrishna

Meu Divino Guru,
pela graça de quem
a bem-aventurança do Autoconhecimento
é realizada.

Prefácio:

Nesta era de ceticismo e materialismo, poucas pessoas se importam em conhecer o verdadeiro Eu, que é divino e imortal. Porém, o conhecimento sobre o verdadeiro Eu sempre foi o tema principal da filosofia e da religião Vedanta. Mesmo nos mais antigos textos da Vedanta, os *Upanishads*, que formam porções das Escrituras védicas, vemos o quanto o Autoconhecimento, ou Atma-Jnana, foi seriamente buscado e enaltecido. Os grandes videntes inspirados mencionados nos *Upanishads* descobriram e ensinaram que o conhecimento sobre o Eu está na raiz de todo o conhecimento, seja na ciência, filosofia ou religião. Todo buscador sincero do conhecimento que aspira pelo desenvolvimento intelectual, moral ou espiritual devem, portanto, primeiramente aprender a discriminar entre espírito e matéria, alma e corpo, e depois perceber o Eu Divino onisciente, que é a fundação eterna do universo.

Sumário:

“Matéria, ou objeto, está relacionada ao espírito, ou sujeito; e o sujeito, ou o espírito, está igualmente relacionado ao objeto, ou matéria.
Se não houvesse objeto, não haveria sujeito; e se não houvesse sujeito, não haveria objeto.
Pois nada poderia ser conquistado por apenas um lado.”
~ Kaushitaki Upanishad, III, 8

Espírito e Matéria

Espírito e matéria sempre foram assuntos de discussão na ciência, na filosofia e na religião. Os grandes pensadores de todos os países deram o melhor para compreender os significados verdadeiros desses dois termos e estabelecer a relação mútua entre eles. As duas palavras têm sinônimos variados, como ego e não-ego, sujeito e objeto, mente e matéria. De época em época, cientistas e filósofos criaram muitas teorias para explicar suas ideias e concepções a respeito de tais termos e chegaram a diferentes conclusões.

Alguns dizem que o espírito, ou mente, ou ego, é a causa da matéria, enquanto outros revertem a relação e acreditam que a matéria é a causa do espírito, ou mente, ou ego. Tais conclusões deram base a várias explicações sobre o universo, que podem ser classificadas em três aspectos: as teorias espiritualistas ou idealistas, as materialistas e as monistas. A teoria espiritualista ou idealista, afirma que o espírito, ou mente, seja o criador da matéria e da energia, e, por consequência, de todos os objetos materiais; ela também nega a existência da matéria como sendo distinta e separada do modo, ou condição, de ser do espírito, ou a mente. A teoria materialista, ao contrário, diz que a matéria produz o espírito, mente, ego ou sujeito.

Tem havido muitos filósofos idealistas ou espiritualistas, em países e épocas diferentes. Na Índia, Grécia, Alemanha e Inglaterra surgiram inúmeros idealistas como o Bispo Berkeley, que negou a existência do mundo externo e também da matéria enquanto entidade separada das ideias mentais. A Ciência Cristã Moderna, que ensina que não há matéria e que tudo é mente, foi construída com base na doutrina idealista do Bispo Berkeley e outros filósofos da mesma escola. Na América, isso é algo novo, porque a nação é

nova. A América ainda não produziu nenhum grande filósofo idealista.

Por outro lado, a teoria materialista do universo é mantida pela maioria dos cientistas, físicos, químicos, médicos e evolucionistas do momento atual. Eles tentam deduzir tudo a partir da matéria e afirmam que ela é a causa da mente, ego ou espírito. Embora existam milhares de pessoas em todo o mundo que advogam a favor dessa teoria e chamam a si mesmos de materialistas, ainda assim apenas poucos podem definir o termo “matéria” e dar uma ideia clara do que entendem por ela.

O que é a matéria? Alguém já viu a matéria? Esta pergunta pode ser feita aos materialistas. Podemos ver a matéria? Não. Vemos a cor. A cor é o mesmo que a matéria? Não. Ela é uma qualidade. Onde ela existe? Um homem iletrado pode pensar que a cor de uma flor, como percebida, existe na flor. Porém, os fisiologistas explicam que a cor percebida não existe como tal na flor, mas é uma sensação causada por uma determinada ordem de vibrações que entra em contato com nossa consciência através dos nervos ópticos. Isso pode parecer estranho, mas é verdade. A percepção da cor é um efeito composto produzido por vibrações do éter que, entrando pelos olhos, criam um outro conjunto de vibrações nas células cerebrais; tais vibrações, quando traduzidas pela entidade consciente, são chamadas de sensações. A cor, portanto, é o resultado da mistura dos elementos objetivos e subjetivos. Ela é o produto da combinação daquilo que vem do mundo exterior e daquilo que é dado pelas atividades subjetivas, ou mentais. Assim, podemos entender que a cor não está na flor, mas depende da retina, dos nervos ópticos e também das células cerebrais, por isso, ela não pode ser o mesmo que a matéria.

Do mesmo modo, podemos perguntar: o som que ouvimos é o mesmo que a matéria? Não. Ele é resultado de um tipo de vibração mais a atividade consciente da mente. Se você for dormir, a

vibração do som vai entrar em seus ouvidos e será levada pelos nervos auditivos para as células cerebrais, porém você não ouvirá porque a mente consciente não está lá para traduzir a vibração do som em sensação. O som, portanto, não é o mesmo que a matéria. Do mesmo jeito, pode ser demonstrado que os outros sentidos não nos passam informações a respeito do que chamamos de matéria. Por isso, perguntamos: o que é a matéria? John Stewart Mill define a matéria como “a possibilidade permanente de sensação” e a mente como “a possibilidade permanente de sentir”. Ficamos melhores com tal definição? Pelo contrário, ficamos ainda mais confusos. A grande dificuldade está na palavra “possibilidade”. Ela quer dizer que a matéria é aquilo que permanentemente torna a sensação possível, e a mente, ou espírito, é aquilo que permanentemente torna o sentimento possível, ou, em outras palavras, a matéria é aquilo que pode ser permanentemente sentida ou percebida, aquilo que é o objeto do sentimento; já o espírito é aquilo que pode permanentemente sentir ou perceber aquilo que é o sujeito do sentimento.

Aquilo que permanentemente torna a sensação possível nunca poderá ser revelado pelos sentidos, porque os sentidos não são nada além de portas abertas para nossas sensações. Tudo que podemos atribuir à matéria é que ela causa as sensações. Quando tentamos descobrir a natureza, as partes ou qualquer particularidade a respeito da matéria, nossos sentidos não colaboram. Os olhos são apenas instrumentos para perceber a sensação da cor, os ouvidos do som, as narinas do odor. Nossa percepção do mundo externo é limitada pelos poderes dos sentidos e todas as sensação são resultados diretos ou indiretos de nossas atividades sensoriais. Embora saibamos que a matéria é algo que existe no espaço e no tempo, e que ela causa várias sensações, ainda assim não podemos vê-la ou tocá-la. Aquilo a que corresponde o nome “matéria” será sempre intangível. Podemos tocar em uma cadeira, ou em um pedaço de madeira ou em ouro, mas não podemos tocar a matéria em si. Isso é muito curioso. O

ouro, ou uma pedra, não é matéria, mas é aquilo que foi produzido pela matéria. A matéria aparece como madeira ou como pedra.

Pode ser interessante conhecer a história do termo “matéria”. Esta palavra é derivada do latim “materies”, que significa “substância”, e era usada originalmente para se referir à madeira de uma árvore ou vigas para construção. Gradualmente, um conceito geral foi formado, que significava qualquer coisa com substância que dava origem à outra coisa. Quando uma estátua de madeira era feita, a forma era distinta da substância madeira, ou “materies”. Ela ainda continuava de madeira. Quando a estátua era feita de pedra ou metal, ainda era chamada de “materies”. Por isso, o nome “materies” significava a substância com a qual algo era feito. Com o tempo, quando surgiu a pergunta: “Qual é a substância com que este mundo foi feito?”, a resposta era “materies”, ou matéria. Assim, a palavra “matéria” não significa qualquer coisa definitiva. Ela é usada para aquela substância desconhecida da qual os objetos de percepção conhecidos são formados. Aqui termina o sentido literal e real do termo. Matéria pode ser usada no sentido de qualquer substância desconhecida que está na base de determinada forma ou objeto. Por exemplo, em nossas conversas rotineiras, usamos a palavra em expressões como “O que é a matéria?”, “Matéria importante”, “Matéria em decomposição”.

Na ciência e na filosofia, no entanto, a matéria é aquela substância desconhecida da qual todas as formas fenomênicas são criadas. Ela está além da percepção sensória, mas ainda assim permeia todos os objetos do universo. Ela não é o mesmo que espaço ou tempo, porém preenche o espaço, manifesta a si mesma no tempo e não pode ser limitada à categoria de causalidade. Todas essas ideias estão inclusas no significado do termo “matéria”. Quando pensamos nessa substância da qual o universo é a aparência, imaginamos que ela seja vasta, imensa, maravilhosa e que possua poderes incríveis que estão sempre mudando. Mas, o que é a matéria? Ela é uma ou muitas? Ela é uma. Não podemos dizer que

seja muitas. Herbert Spencer diz: “Nossa concepção de matéria, reduzida à sua forma mais simples, é a de posições coexistentes que oferecem resistência, em contraste à nossa concepção de espaço, na qual as posições coexistentes não oferecem resistência”. (*First Principles*, pág. 140) Vamos entender a diferença entre espaço e matéria. O espaço é uma extensão que não oferece resistências, mas aquilo que oferece resistência e está no espaço é matéria. Ele também afirma: “Desses dois elementos inseparáveis, a resistência é a primeira e a extensão a segunda”. Como, por exemplo, quando tocamos em algo, este algo resiste e por isso temos uma ideia de resistência, porém, quando esticamos a mão, aquela sensação de resistência também se estende pelo espaço. Herbert Spencer diz novamente: “Nossa experiência de força é aquela em que a ideia de matéria é construída. Aquilo que se opõe à nossa energia muscular fica imediatamente presente para a consciência em termos de força. Assim, as forças, estando em uma certa correlação no espaço, formam todo o conteúdo da matéria”. Adiante, ele acrescenta: “Matéria e movimento, como os conhecemos, são manifestações diferentes de força condicionada. Elas são os conceitos construídos a partir do conteúdo de várias relações mentais”. Para sentir a resistência, deve haver alguém presente que sinta; então, a força que é sentida é a causa primária que dá origem à concepção de matéria.

A matéria não pode ser criada por ninguém. Ninguém nunca viu, nem pode imaginar a criação da matéria a partir do nada ou sua total aniquilação. De acordo com a ciência moderna, a matéria, em sua natureza verdadeira, é uma substância incriável e indestrutível, isto é, ela nunca foi criada a partir do nada e nem pode voltar ao nada. Há várias outras definições de matéria. Alguns físicos dizem que a matéria é “qualquer coisa que possua a propriedade de atração gravitacional”, porém isso não nos diz sobre sua verdadeira natureza. Podemos apenas dizer que há alguma substância que responde à atração. Ernst Haeckel define a matéria como “uma

substância infinitamente estendida” e o espírito como “a energia abrangente do pensamento”.

Após estudarmos essas várias definições, aprendemos que a matéria é aquela substância do universo que fabrica o mundo objetivo, ou aquilo que pode ser percebido pelos sentidos e conhecido pela mente. Ela é sempre objetiva e o espírito, ou mente, sempre subjetivo, sempre o observador, ou conhecedor, da matéria, o conhecedor do objeto. Agora podemos entender a diferença: o espírito é o que percebe e conhece, enquanto a matéria é aquilo que é percebido, sentido e conhecido. Um é o sujeito e a outro é o objeto. Ambos existem em relação um ao outro. O mundo objetivo, ou matéria, forma apenas uma metade, enquanto a outra metade é o mundo subjetivo, ou espírito. Portanto, a teoria materialista, que admite a existência do objeto e nega a existência do espírito, ou mente, ou sujeito, é unilateral e imperfeita. Ela ignora o fato de que a matéria, ou objeto, só pode existir com relação ao sujeito.

A teoria materialista é um erro lógico porque é baseada na confusão entre objeto e sujeito. Ela declara que a matéria é objetiva, mas, ao mesmo tempo, tenta mostrar que ela também é a causa do sujeito, o que não é possível nunca. “A” nunca poderá se tornar “não-A”. O materialismo começa com a ideia de que a matéria é objetiva e termina tentando provar que este algo objetivo se transformou na mente subjetiva, ou espírito, ou ego. Primeiro, a teoria assegura que a matéria é aquilo que é percebido, ou a causa das sensações, depois, ela busca afirmar que a matéria produz aquilo que sente as sensações, o que é contraditório e absurdo.

Assim como o materialismo é unilateral e imperfeito, a teoria do mundo espiritualista, ou idealista, também é. Ela nega a existência da matéria, ou objeto, e diz que tudo é a mente. A teoria da Ciência Cristã Moderna, de que tudo é a mente e de que não existe matéria, é tão errônea quanto a teoria materialista. Espírito, ou

mente, ou ego, que é sempre o sujeito, pode existir enquanto observador, ou conhecedor, contanto haja um objeto de percepção e de conhecimento. Se admitirmos a existência de um, a existência do outro está implícita. Portanto, Goethe estava correto quando disse: “A matéria não pode existir ou ser útil sem o espírito, ou o espírito sem a matéria”.

A substância universal parece possuir esses dois atributos do sujeito e objeto, do espírito, mente ou ego, e da matéria, ou não-ego. Esses atributos são como os dois modos de uma substância eterna, que é desconhecida e tem existência incognoscível. Isso era chamado de “Substantia” por Spinoza. Herbert Spencer chamava de “Incognoscível”, o que é o mesmo que “Ding an sich”, ou a transcendental coisa-em-si de Kant; Platão chamava de o “Bom”. É o “Além-Alma” de Emerson, enquanto na Vedanta é chamado de “Brahman”, a substância absoluta do universo, a fonte infinita e eterna de matéria e mente, de objeto e sujeito. Esta substância não é muitas, mas apenas uma só. Toda a variedade de fenômenos surgiu a partir desta fonte, Brahman, e de volta à ela, os fenômenos serão reduzidos no momento da dissolução. Esta substância é a energia universal, a mãe, ou produtora, de todas as forças. Sabemos que todas as forças se relacionam umas com as outras e que são, como a ciência moderna explica, as manifestações da mesma energia eterna, ou substância infinita. A partir desta única fonte, todos os fenômenos mentais e físicos, e as forças materiais, vêm a existir e evoluem para muitas outras formas.

Isto é o Monismo. Os pensadores monistas da atual época, como Ernst Haeckel e outros, admitem que esta substância eterna seja a fonte da mente, da matéria e de todas as forças. Eles também aceitam a grande verdade que sempre foi ensinada pela Vedanta, de que “a partir daquela substância infinita, ou Brahman, o Ser Absoluto, surgiu a força vital, ou o Prana, a mente, todas as atividades mentais e os poderes dos sentidos, que estão inclusos

no significado do termo ‘espírito’, ou sujeito, de um lado, e do outro, espaço, ou éter, e todos os objetos gasosos, líquidos e sólidos que são compreendidos como matéria”. A matéria, em seu estado mais simples, pode ser reduzida à mesma substância infinita, Brahman, que é o pano de fundo da mente, ou espírito. Assim, a Vedanta ensina que a substância eterna é tanto a causa material quanto eficiente do universo. Embora ela seja uma, ainda parece ser muitas devido ao seu inescrutável poder, conhecido na Vedanta como “Maya”.

Este mundo não é feito somente de matéria morta. Ele não é o produto da combinação de partículas minúsculas chamadas átomos. Até pouco tempo, os físicos, químicos e outros materialistas ocidentais acreditavam que os átomos eram unidades indivisíveis flutuando no espaço infinito, atraindo e repelindo uns aos outros, produzindo mecanicamente os elementos da natureza e criando o mundo fenomênico. No entanto, agora, com a aplicação da eletricidade, J. J. Thomson, o grande cientista inglês, provou que os chamados átomos indivisíveis podem ser subdivididos em elétrons, que são o mesmo que os centros de força dos antigos cientistas hindus. Se os átomos são feitos de elétrons e os elétrons são centros de força, onde eles existem? Eles existem naquele oceano primordial de substância infinita, ou Brahman, o receptáculo da energia eterna que é, por sua vez, a mãe de todas as forças. Assim, podemos compreender como matéria e força estão relacionadas àquela substância, ou Brahman. O lado objetivo daquela substância aparece como matéria, e o lado subjetivo como espírito.

Eu já disse que é uma verdade científica que a matéria é indestrutível e incriável, e assim também é a força. Matéria e força podem ser transformadas em diversas manifestações, mas nunca podem ser destruídas. Surge a pergunta: se uma metade do mundo, ou matéria objetiva e força, é incriável e indestrutível, então, qual é a natureza do espírito? Ele é criável e destrutível? Se

a metade objetiva do universo for incriável e indestrutível, como poderia a outra metade, a mente subjetiva ou espírito, ser criável e destrutível? É impossível. O espírito, ou mente, em sua forma mais simples, é igualmente incriável e indestrutível. Caso a matéria, ou objeto, seja eterna, então o espírito, ou sujeito, deve também ser eterno para que seja possível para o objeto ser eterno. Quem vai saber como a matéria e a força são eternas se o espírito, ou sujeito, não for igualmente eterno? Este ponto tem sido omitido pelos mais proeminentes pensadores e cientistas de países distintos. A eternidade da matéria e da força, ou energia, pressupõe a eternidade do espírito, ou mente. Se um deles cai, ambos desaparecem. Portanto, a análise fundamental sobre o espírito e a matéria demonstra que ambos são invariáveis, indestrutíveis e eternos. Se o pólo de um ímã é eterno, o outro pólo deve, necessariamente, ser eterno. Além disso, o ponto neutro onde ambos se encontram deve, também, ser eterno. Este universo é como um ímã gigante, um pólo é matéria e o outro é espírito, enquanto o ponto neutro é a substância absoluta. Por este motivo, esses três - matéria, espírito e Brahman - são eternos.

Na Vedanta, o espírito é chamado de Atman, o conhecedor, o observador e o sujeito. Ele é nosso verdadeiro Eu. Existiu no passado eterno e continuará a existir no futuro eterno. Nada pode destruí-lo. O mundo fenomênico, que é o objeto da percepção dos sentidos, pode mudar de uma forma para a outra, mas o Atman, ou Eu, nunca mudará. Ele é absolutamente imutável. "Armas não podem perfurá-lo, água não pode molhá-lo, fogo não pode queimá-lo, tampouco pode o vento secá-lo". [1] Ele é a substância indissolúvel, imutável e imortal. Ele não é destruído no momento da morte. A morte é propriedade de tudo dentro do reino do tempo e do espaço. Todos os objetos que têm forma estão sujeitos à morte. O nascimento é seguido da morte. Aquilo que nasce deve morrer. Nosso corpo vai morrer porque ele teve um nascimento e existe dentro do tempo e espaço. No entanto, o Atman, ou espírito, não pode morrer porque ele nunca nasceu e está além do tempo e

espaço. Se você tentar pensar no nascimento de seu espírito, nunca poderá encontrar um começo absoluto, portanto, o Atman é sem começo e sem fim. Tudo que pode ser percebido pelos nossos sentidos vai mudar e acabar, enquanto o Atman, ou espírito, permanecerá para sempre.

Aqui pode ser perguntado se o espírito é um ou muitos. A mesma pergunta pode ser feita a respeito da matéria. Ela é uma ou muitas? Vemos que a matéria, enquanto substância objetiva, é uma, embora apareça como muitas devido às suas manifestações dentro do espaço e tempo. Do mesmo modo, diz a Vedanta, há um Espírito eterno, ou Sujeito, do universo, do qual os espíritos individuais, ou egos, são suas manifestações. Todos são parte de um Todo estupendo, ou Espírito universal, ou Deus. Deus é o eterno Sujeito, ou Conhecedor, do mundo. Ele é o Ego cósmico, a soma total de todos os espíritos individuais, ou egos, e mais. Ele é o Ser Infinito, o eterno oceano que contém vários redemoinhos, ou almas. O Ego cósmico, ou Deus, é o primeiro Senhor do universo. Ele é a primeira e mais elevada manifestação da Substância Absoluta, ou Brahman. Ele é a causa material e eficiente de todos os fenômenos. Ele é o projetor da evolução. Ele diferencia o sujeito do objeto, espírito, ou ego, da matéria, ou não-ego. Nele, tudo existe, através Dele, todos os seres vivem e, para dentro Dele, eles voltam no final. Ele é mais poderoso do que todos os espíritos individuais juntos. Nós possuímos poderes pequenos, já que nosso conhecimento é limitado, assim também são nossos poderes, mas Deus é aquela substância cujo poder é ilimitado. Ele existe em todos os lugares. Ele é o pano de fundo de nosso espírito individual e possui conhecimento eterno. Ele é a Alma de nossas almas. Devemos meditar Nele e adorá-lO, depois poderemos compreender a relação entre espírito e matéria.

“Ele é o Ser Eterno em meio a todas as formas e nomes não-eternos. Ele é a Fonte de inteligência em meio à matéria inconsciente. Ele faz aquela substância aparecer como se fosse

muitas e preenche todos os desejos que existem dentro dos corações de todas as criaturas. Aquele que O realiza em sua alma, atinge a bem-aventurança eterna mesmo nesta vida.”

“A Verdade infinita e eterna, Brahman, permeia todo o universo, o visível e o invisível. Se o visível for retirado (se os fenômenos perceptíveis forem destruídos), aquilo que sobra é o Infinito.
Que possamos realizar o Infinito nesta vida.
Que possamos atingir esta Verdade e regozijar da paz para sempre. Paz, paz, paz a todas as criaturas vivas.”
~ Isha Upanishad

Conhecimento do Eu

O conhecimento sobre Deus não é tão falado na Índia quanto o conhecimento sobre o Eu verdadeiro. O autoconhecimento revela o conhecimento da natureza real do Absoluto e da Divindade Suprema. Costumeiramente, usamos a palavra “eu” no sentido de ego, mas o termo “autoconhecimento” não significa mero conhecimento a respeito do ego. O ego em nós é o ator, o pensador, o observador. Aquilo que executa todas as funções do corpo e da mente é geralmente conhecido como “eu”, ou “ego”, mas isso é apenas um reflexo do Brahman Absoluto, que é a fonte de toda a inteligência. O ego é a imagem daquela centelha divina dentro de nós, que nos dá a vitalidade e nos faz executar todos os trabalhos mentais e físicos. Assim, quando falamos sobre Autoconhecimento, não queremos dizer simplesmente o conhecimento do eu animal inferior, ou ego, mas também do Eu superior.

O Eu superior é o mesmo que o Absoluto, que é a base de todo o universo fenomênico. A Substância Absoluta, ou Brahman, está além do tempo e do espaço, consequentemente, ela é sem forma e imutável. Quando se manifesta como uma entidade atomizada e autoconsciente, é conhecida como ego. Ela também aparece como o objeto da consciência e por isso é chamada de matéria. O Ser Absoluto, no entanto, não é matéria e nem ego. Ele forma o pano de fundo de nosso ego e, devido a isso, este é nosso Eu verdadeiro. Quando tivermos percebido isso, teremos conhecido Deus e também a relação que o universo fenomênico tem com Ele. O melhor método para se tornar consciente deste Ser Absoluto é através da realização do nosso verdadeiro Eu, ou Atman, como chamado em sânscrito.

Algumas pessoas pensam que a auto-aniquilação é o ideal da Filosofia Vedanta, mas não é assim. O Eu verdadeiro, de acordo

com a Vedanta, nunca pode ser destruído. Caso a auto-aniquilação fosse o ideal, o Eu estaria sujeito à mudança e destruição, não poderia ser o mesmo que o Ser Absoluto. A Filosofia Vedanta, ao contrário, ensina que o Eu verdadeiro é absolutamente indestrutível e imutável. Como seria possível para qualquer um pensar sobre a aniquilação deste Eu? A destruição do Eu é tão impossível quanto a destruição do Absoluto, assim, a auto-aniquilação não pode ser o objetivo mais elevado e um ideal de vida.

Apenas o Autoconhecimento pode nos auxiliar a realizar a Verdade absoluta e chegar à perfeição. Ele é considerado como a sabedoria superior. Quando Sócrates perguntou ao Oráculo de Delfos “Qual a sabedoria superior?”, a resposta foi “Conheça a ti mesmo”. A expressão “a ti mesmo” não refere-se apenas ao ego, mas ao Eu verdadeiro. O mesmo conhecimento do Eu verdadeiro foi enaltecido na Índia desde o mais antigo período védico. A Vedanta, a porção racionalista dos *Vedas*, descreve este Autoconhecimento como o ideal mais elevado de vida. Se quisermos conhecer Deus, devemos primeiro conhecer nosso Eu verdadeiro. Precisamos perguntar a nós mesmos quem e o que somos na realidade, de onde viemos e o que acontece conosco após a morte. Tais questões são de vital importância. As pessoas comuns não podem resolver tais questões pois suas mentes estão muito ocupadas com os assuntos do mundo fenomênico. No entanto, um buscador sério da Verdade, que está descontente com o conhecimento sobre os objetos materiais, deseja adentrar abaixo da superfície das aparências fenomênicas e não se detém até que o objetivo final, a realidade que permeia todos os fenômenos, seja descoberta. O objetivo dele é encontrar a solução correta para tais problemas ao conhecer a natureza verdadeira de seu ego e também do universo. Ele pode começar com o mundo objetivo, mas gradualmente avança passo a passo e chega cada vez mais longe em sua busca pela Verdade, e retorna, no final, ao seu próprio Eu. Porque o verdadeiro Eu é o centro do universo. O mundo fenomênico, que consiste em objetos da percepção sensorial, pode ser comparado a

um grande círculo, que tem como circunferência as formas materiais densas e como centro o Atman, o Eu verdadeiro.

A natureza desse Eu verdadeiro, de acordo com a Vedanta, é infinita. Ela não é limitada pelo tempo e nem condicionada às relações de espaço. As Escrituras descrevem Deus como o centro do universo, mas a Vedanta diz que o Eu, ou Atman, também é o centro do universo, e que o Eu verdadeiro é um com a Divindade. No momento em que percebemos o Eu Divino dentro de nós, compreendemos que o reino do mesmo Atman se estende até o sol, à lua, estrelas e mesmo aos mais longínquos planetas, cuja luz leva centenas, milhares de anos para chegar a nós. Sempre que houver existência, seja no plano físico ou mental, há também a manifestação do Eu Divino. Aquilo pelo qual conhecemos a existência do mundo externo, pelo qual ficamos conscientes de nossos corpos, dos sentidos e dos poderes mentais, aquilo é nosso verdadeiro Eu. Ele não está longe de nós, embora esteja longe do alcance da mente e do intelecto. O Eu é assim descrito no quarto verso do *Isha Upanishad*: “Isto (o Eu) está além de todas as vibrações e todo movimento. Ele é o um e é mais veloz que a mente. Os sentidos não podem alcançá-lo, ele transcende todos . Embora permaneça imóvel, ele domina a mente e os sentidos que correm rapidamente. Ele é a fonte de todas as atividades mentais, poderes dos sentidos e as várias forças da natureza”.

A ciência moderna nos diz que o mundo todo é produto da matéria e das forças materiais. A matéria, como vimos no primeiro capítulo, não é nada além de um estado de movimento, ou vibração, de uma determinada substância, da qual a real natureza é desconhecida e incognoscível. Cada partícula do universo está em movimento constante, ou vibração. Aquilo que chamamos de calor, luz, som, sabor, odor, toque e qualquer objeto da percepção dos sentidos, não é nada mais do que um estado de vibração da mesma substância desconhecida. Sir William Crookes diz: “A trinta e duas vibrações por segundo, é mostrado que temos o início do som

audível, e que o som para de ser bem audível precisa chegar a algo perto das trinta e três mil vibrações por segundo. As vibrações de calor e raios de luz são quase inconcebivelmente mais rápidas. Elas são expressadas em não menos que quinze figuras, enquanto as vibrações em apenas um único segundo do recém descoberto rádio [2] são expressadas em mais de nove milhões de milhões de milhões". O mundo todo consiste na vibração de átomos, ou as partículas minúsculas da substância material, porém, acima e além de toda essa vibração, existe a Realidade Absoluta, o Eu verdadeiro, que é fonte de conhecimento, inteligência e consciência. É através deste Eu que sabemos que há algo como a vibração.

Aqui, surge a pergunta: Quem é este que sabe que o mundo é uma massa de vibração? A vibração conhece a si mesma? Ela não pode conhecer a si mesma. "O movimento não produz nada além de movimento", esta é uma lei da natureza que foi confirmada pelos cientistas modernos. Movimento não pode produzir conhecimento.

Conhecimento não é um efeito do movimento ou da vibração, mas é aquilo que ilumina nossas mentes e nos faz ver e compreender que existe algo como o movimento e a vibração. Portanto, no *Upanishad* é dito: "Aquilo que não vibra é nosso Eu verdadeiro". Procure no lado de dentro e veja onde está aquilo que não vibra, mas que é o Conhecedor de todas as vibrações e ações.

"Ele é mais veloz do que a mente." Sabemos que a mente é a coisa mais rápida no mundo. O pensamento viaja mais rápido que a eletricidade ou qualquer outra corrente que exista no plano físico. Sir William Crookes pondera que "as vibrações do pensamento que saem do cérebro podem, de fato, ter seu início no ponto em que não seja mais possível estimar as vibrações que são causadas pelas forças mais sutis da natureza física". Além disso, ele acrescenta: se podemos, de alguma maneira, perceber o conceito

de uma força que é capaz de criar milhares de trilhões de vibrações por segundo, e se acrescentarmos a isso a ideia de que a velocidade dessas vibrações é equivalente à rapidez delas, vemos facilmente que o pensamento pode construir um cercado em volta da Terra em uma fração infinitesimal de tempo”.

Nós podemos trocar mensagens pela telegrafia sem fio daqui até a Inglaterra, ou qualquer outra parte do mundo, no entanto, a transferência de pensamento é mais rápida que a telegrafia sem fio. A mente de uma pessoa que está sentada aqui pode ir direto para o sol, ou além do sol, para um espaço infinito onde a força comum da eletricidade não chega - mesmo lá, a mente pode correr nos mais curtos intervalos de tempo. O tempo existe na mente. O que é o tempo? O tempo significa sucessão, como pensamos. Quando um pensamento surge após o outro, o intervalo entre eles é o que chamamos de Tempo e por isso está sujeito à atividade mental. Aquilo que é mais veloz que a mente é o Eu verdadeiro. Nosso Eu real pode ir mais rapidamente que a corrente do pensamento e até mesmo onde a mente não pode chegar. Ele viaja para todo lugar. O Eu, ou Atman, forma o pano de fundo da mente, por isso o Eu é mais veloz e rápido que a atividade da mente. A mente não pode ir a qualquer lugar sem depender do Eu, o Conhecedor. Ela permanece absolutamente inativa quando está separada do Eu.

“Os sentidos não o alcançam, ele transcende a todos eles.” Os sentidos não podem revelá-lo, os poderes dos sentidos não podem expressar a natureza verdadeira do Eu porque eles são limitados pelo tempo e pelo espaço, enquanto o Conhecedor do tempo e do espaço deve, necessariamente, estar além do alcance dos sentidos. Quando vemos o sol, aquela mesma vista depende da autoconsciência, isto é, temos que estar conscientes do fato de que estamos vendo algo e essa consciência deve depender do nosso Eu verdadeiro. O sol não será visto se nossa mente e nossos olhos estiverem separados e separados do Eu, a fonte do conhecimento,

inteligência e consciência. Dependendo da fonte de consciência e inteligência, nossa mente trabalha, nossos sentidos executam suas funções e os movimentos corporais. Assim, o *Isha Upanishad* continua: “Ele (o Eu) move-se e não move-se. Ele está tanto perto quanto longe. Ele está dentro e também fora de tudo”. Quando o corpo se movimenta, a fonte de inteligência, ou nosso Eu verdadeiro, aparece como se se movesse, mas na verdade ele não se move. Para onde ele irá? Ele não pode ir para lugar nenhum. Quando trocamos uma jarra de um lugar para o outro, o espaço dentro da jarra parece estar movendo, mas o espaço realmente se move? Não. O que move então? Não sabemos, a forma parece estar se movendo, porém essa forma é uma limitação no espaço. Pode ser dito: “Se o espaço não se move, então a forma não pode se mover”. É como se fosse um enigma que, quando tentamos resolvê-lo, encontramos problemas insolucionáveis.

O conjunto da vida é um mistério. Nós nos esforçamos para encontrar alguma explicação estudando a natureza, mas a natureza nos coloca em mais confusão. A ciência não colabora, ela nos leva a um certo ponto e nos deixa lá sem mostrar nada além daquilo, sem dizer o que fazer e para onde ir. Assim é a condição de nosso conhecimento relativo. Quando analisado adequadamente, ele parece ser uma expressão parcial do conhecimento absoluto, que é a natureza real do verdadeiro Eu. O conhecimento relativo, no entanto, não nos ajudará a resolver os mistérios do universo. Se queremos conhecer a Verdade última do mundo, devemos ir além da natureza e buscar pela explicação no reino do Absoluto. Em sânscrito, a natureza é chamada de “Maya”, ela nos ilude, mas ainda assim vivemos nela e nosso corpo, sentidos e mente são partes da natureza. Quanto mais estudamos a natureza, mais ficamos iludidos, não chegamos a nenhuma solução final. Os cientistas chegaram a certas conclusões que não concluem nada. A ciência nos diz que o objetivo final de tudo é desconhecido e incognoscível. Aqui, a Vedanta vem e adverte a seus alunos para que não estudem apenas a natureza, mas

também nosso Eu, ou Atman, então, depois, toda a confusão será removida e a Verdade Absoluta será alcançada.

A natureza nos faz ver que o Eu se move quando o corpo está em movimento, mas, na verdade, o Eu é imóvel. A natureza nos faz sentir como se o Eu estivesse muito longe de nós, no entanto, ele é a coisa mais próxima que temos, mais próxima que este corpo e mente que consideramos como as mais próximas. Nosso Eu verdadeiro, no entanto, é, na realidade, o mais próximo de todos. "Ele reside em tudo como se fosse a alma, ou natureza interna, no entanto está fora de tudo." Como pode isso? Se ele reside dentro, como pode residir fora? O espaço existe dentro, tão bem quanto fora. Pegue o espaço dentro dessa sala, que é limitada por suas paredes. Este espaço aparece como se estivesse dentro da sala, mas o que são as paredes, elas estão separadas do espaço? Não, elas existem dentro e através do espaço, elas não são nada além de espaço. O espaço das paredes limita o espaço de dentro da sala, mas elas limitam o espaço na realidade? Não. Ela também está fora. Podemos limitar o espaço infinito? De jeito algum. Do mesmo modo, se tentamos limitar nosso Eu com a mente, falharemos, porque a mente não é grande ou forte o bastante para manter o Eu de fora, os poderes dos sentidos não podem limitá-lo, as formas físicas nunca poderão dividi-lo, porque cada um deles existe em relação ao Eu. O Eu, ou Atman, quando realizado apropriadamente, aparece como ilimitado e infinito. Dizemos que somos seres finitos, mas na realidade não somos. Há apenas uma Existência Infinita que expressa a si mesma através de formas finitas. Enquanto formas finitas, que existem no espaço, elas não podem existir fora dele, portanto, todos esses vários indivíduos vivem dentro e através daquele espaço infinito de Realidade, que é chamado de Eu absoluto.

"Aquele que percebe todos os seres no Eu, e o Eu em todos os objetos animados ou inanimados do universo, nunca odeia nada nem qualquer ser." [3] O ódio advém do conhecimento relativo

imperfeito, que nos faz perceber os objetos como separados uns dos outros. Porém, quando vemos nosso Eu verdadeiro nos outros, como podemos odiar outro sem odiar nosso próprio Eu? Seria impossível para o Eu odiar o Eu. Assim como é impossível odiar nosso verdadeiro Eu, seria também impossível odiar o Eu de qualquer ser. Este é um dos resultados do Autoconhecimento: onde existe o Autoconhecimento, não pode haver um sentimento sequer de ódio. Quando o ódio acaba, o ciúmes e todos os sentimentos egoístas, que são maldosos, desaparecem. O que permanece? O amor comum, que se opõe ao ódio, esvai-se, mas o amor Divino começa a reinar no coração do Espectador. Amor verdadeiro significa a expressão da unicidade. Assim como o amor ao corpo nos faz sentir unos a ele, do mesmo modo, o amor pelo Eu verdadeiro nos faz sentir uno com o verdadeiro Eu. Se vemos este Eu nos outros, não temos como não amá-los assim como amamos nosso Eu. Agora entendemos o que quer dizer “Ame seu próximo como a si mesmo”. Isso não é um ensinamento incomum. A Vedanta sempre ensinou esta verdade. As pessoas do mundo ociental dizem que Cristo é o único que ensinou dessa maneira, mas elas não conhecem a base da ética da Vedanta.

Amor significa a expressão de unidade em pensamento, palavra e ação. “Quando todos os seres se tornam um com o Eu, qual ilusão, qual tristeza poderiam haver para ele que percebeu tal unidade?” [4] “O Autoconhecimento leva à realização da unicidade com todos os seres. Quando todos os seres aparecem como partes de um Eu universal, não há nem ilusão, nem medo, nem tristeza, porque não pode haver nada fora do Eu, ou Atman, pelo qual pode-se sofrer ou lamentar. A tristeza e o medo surgem contanto haja sentido de dualidade, ou multiplicidade. Caso todos os objetos de medo e tristeza se tornem um com o Eu Divino que tudo permeia, então o medo e a tristeza devem acabar. Porém, enquanto pensarmos nos outros seres como existindo fora do nosso Eu, não podemos nos livrar da lamentação e do sofrimento que surgem devido a isso. Na unicidade absoluta, no entanto, não pode haver medo, tristeza,

sofrimento, separação ou auto-ilusão. Este é outro resultado do Autoconhecimento.

Algumas pessoas podem pensar que a Vedanta nos ensina a sermos egoístas, mas isso está longe de ser verdade. O eu morre. O eu inferior se esvai e com seu desaparecimento todo o egoísmo é destruído. A palavra “Eu” não deve ser entendida como o eu inferior, ou egoísmo. Ela quer dizer o Atman, o Eu superior, que é nossa natureza Divina. Não há outra expressão em inglês para transmitir o real significado de Atman. Devemos evitar confusão, por isso, se usarmos a palavra sânscrita “Atman” para expressar nosso Eu verdadeiro, ninguém a confundirá com o egoísmo. “O Atman permeia tudo, resplandecente, incorpóreo, ileso, intocado pelos centros cerebrais ou nervosos, puro, imaculado, um poeta (kâvi), sábio, onipresente, autoexistente. Ele descartou tudo pela eternidade.” [5] Tal é o Atman (Eu), que é o centro do universo, o que a tudo permeia. Para onde vai nossa mente, o Atman vai também. Ele é a fonte da luz da inteligência, ele é puro, sem manchas, sem pecados. Aqui, percebe-se que a Vedanta ensina que nascemos em pecado e iniquidade, mas que nosso Atman, ou Eu verdadeiro, é sem pecados. Com isso, não é que a Vedanta nos encoraje a cometer atos pecaminosos, mas diz que no momento em que se adquire Autoconhecimento, a partir de então detém-se de fazer qualquer ato maldoso. O Atman está no corpo, mas não tem corpo. Ele é sem forma, isto é, está além das formas densas e sutis. Há formas que não podemos ver, exceto por um poderoso microscópio, mesmo tais formas diminutas não afetam o Eu. Ele está absolutamente além de todas as formas, no entanto, ao mesmo tempo, pode aparecer em qualquer forma, e todas as formas existem nele.

O Atman está além de todas as atividades nervosas, ou das funções do cérebro. Os materialistas sustentam que quando o cérebro e os centros nervosos vibram, a autoconsciência é produzida. No entanto, a Vedanta contradiz tal afirmação ao dizer:

“Além do alcance dos centros nervosos e intocado pelos poderes do cérebro”. Ele não é afetado pelas mudanças do corpo, podem haver variações na cor e na forma do corpo físico, ou o corpo estar morto ou ter alguma parte mutilada, mas tal doença ou mutilação não produzirá qualquer mudança no Eu verdadeiro, ou Atman. Portanto, o Autoconhecimento liberta do nervosismo e de outros sofrimentos físicos.

A palavra “kâvi” quer dizer poeta e também quer dizer o espectador das coisas. O Eu é descrito como o maior poeta do universo, esta é uma das mais belas expressões e atributos que podem ser dados à Divindade - Ele é o poeta, sua poesia é o universo. Ele também é descrito como o maior artista. Vemos sua arte no nascer e no pôr do sol. O sol, a lua e as estrelas não são nada além de pinturas em um espaço infinito feitas pela mão do artista Todo-Poderoso.

O Eu verdadeiro, ou Atman, está acima do bem e do mal, além da virtude e do defeito. Algumas pessoas perguntam: como pode estar além do bem e do mal? Outras dizem: Ele é apenas bom. Bem e mal, no entanto, são dois termos relativos; o mal existe em relação ao bem, e não podemos separar um do outro. Se queremos o bem, vamos ter também o mal. O mesmo com virtude e defeito, um não pode existir sem estar relacionado ao outro. O Eu Absoluto está acima de toda relatividade, portanto, está acima do bem e do mal, além da virtude e do defeito. “Não há outro espectador que não este Atman, nenhum outro conhecedor.” Quem pode ser o conhecedor do universo? Há um eterno Conhecedor que conhece a existência de todos os objetos, e o conhecedor em nós é apenas uma parte daquele Conhecedor eterno, ou Deus. A maioria da humanidade não conhece essa grande verdade; os sacerdotes não a ensinam porque eles mesmos não a compreendem. Se Deus é o Conhecedor de tudo, então o Conhecedor em nós é uma parte de Deus. A Vedanta nos diz para realizar o conhecedor individual primeiro e depois o Conhecedor do universo será conhecido.

O Atman, ou verdadeiro Eu, nunca é o objeto de conhecimento, mas sempre o sujeito. O Conhecedor cósmico, ou universal, é o mesmo que aquele que as pessoas adoram como Deus. Portanto, à luz da Vedanta, podemos ver Deus próximo de nossas almas, porém, nas Escrituras de determinadas religiões, Ele está remoto, Ele é levado para longe de nosso alcance. A Vedanta O traz mais perto do que qualquer coisa que possuímos. Embora este Atman seja onipresente, ainda assim ele está além de tudo; ele existe em todas as coisas e ainda assim não é igual a nada. Ele nunca é afetado pelas condições fenomênicas. Ele transcende as mudanças da natureza e ainda assim permeia toda a natureza. Ele é sua própria causa; nele, causa e efeito são idênticos. O Atman não tem causa e ainda assim é a causa de tudo; ao mesmo tempo, está além da lei de causa e efeito. O Eu existe por si mesmo desde o passado sem início e continuará a existir por toda a eternidade. Ninguém pode ver seu início ou seu fim, porque início e fim referem-se ao tempo, e a nossa busca por eles, dentro da esfera da atividade mental, também está sujeita ao tempo. Podemos procurar pelo início e fim do universo fenomênico, mas como o Atman (Eu) está acima de todo pensamento e além do tempo e espaço, ele não pode nem terminar e nem começar.

“Ele é onisciente.” Todo conhecimento relativo é apenas uma expressão parcial daquela sabedoria que constitui a natureza do Atman. Agora vemos que os atributos que as pessoas geralmente dão a Deus, como “Ele é onisciente, onipresente, eterno, infinito”, também são dados pela Vedanta ao Atman, ou Eu verdadeiro. O Eu verdadeiro é a Alma de nossas almas. O Autoconhecimento revela que os atributos de Deus também são os atributos do Atman. “Aqueles que não realizam este Eu verdadeiro, vivem na escuridão da ignorância e passam pela miséria e sofrimentos que existem na escuridão.” Eles temem a morte e tudo que ameace suas existências terrenas, e tornam suas vidas miseráveis ao se apegarem a uma forma particular de manifestação, a qual temem perder. Eles amam os divertimentos dos sentidos e os prazeres

terrenos, ficam desapontados e descontentes se não os encontram e consideram que suas vidas terrestres não têm objetivos ou ideais mais elevados. A vida de tais pessoas não é nada mais que uma corrente contínua de medo e infelicidade. Aqueles que são ricos temem perder suas fortunas, aqueles que têm reputação e posição alta temem perdê-las, enquanto todo homem e toda mulher sofre com o medo da doença e da morte. Dá para supor que tais pessoas poderão aproveitar da felicidade verdadeira nesta Terra? Não. Apenas aqueles que se libertaram totalmente do medo estarão realmente felizes. A felicidade perfeita chega e todo o medo é conquistado quando o Autoconhecimento for adquirido. Por este motivo, cada um de nós deve fazer esforços constantes para adquiri-lo nesta vida. A luz do Autoconhecimento extermina a escuridão da ignorância e nos liberta do medo, da tristeza, miséria, nascimento e morte, e também das amarras, imperfeições e ilusões que advêm da ignorância.

Tal ignorância é a mãe do egoísmo. Ela tem o poder de cobrir o Atman Divino e absoluto e nos fazer identificar nosso Eu verdadeiro com o corpo material. Assim, quando forçados pelo poder inescrutável da ignorância (Avidya), esquecemos nosso Eu verdadeiro, achamos que somos filhos e filhas de mortais, tornamo-nos finitos e sujeitos a limitações que entendemos como o termo "egoísmo". O Autoconhecimento destrói a ignorância e torna a pessoa absolutamente inegoísta. Abençoado é aquele que vive no brilho do Autoconhecimento, tendo se erguido acima das nuvens do medo e do egoísmo, que se reúnem na noite da ignorância. O que é este mundo? Ele é produzido pela ignorância e está atado ao medo. O conhecimento do Eu destrói toda a mundanidade, traz força espiritual e nos torna destemidos, assim como Deus é destemido. Ele teme algo? Como poderia? No momento que percebemos que Deus reside em nós, como podemos temer? Como podemos ter medo da morte quando sabemos que a morte é meramente uma mudança de um corpo para outro, e que nosso Eu verdadeiro, ou Atman, é imutável?

Aqueles que não possuem o Autoconhecimento são miseráveis e nascerão de novo e de novo neste plano da ignorância até que tenham aprendido a realizar o verdadeiro Eu.

O Autoconhecimento é a única fonte de felicidade, Ele levará à perfeição e liberdade. Você pode procurar a liberdade, mas como pode obtê-la quando se tornou um escravo do medo e das condições terrenas? Você é uma parte da Divindade. Sinta isso, perceba isso, e todos os nós serão desfeitos e você será livre. O apego a essa liberdade do Autoconhecimento trará a você a realização de sua unicidade com a Divindade. Então, você poderá dizer: “Aquela luz que vejo no sol está em mim, e aquilo que está em mim, está no sol. Eu sou o Senhor do corpo, dos sentidos e da mente, e eu também sou o Senhor de todos os objetos fenomênicos”,

“Eu sou a luz do universo, através de mim, o sol, a luz, as estrelas e os relâmpagos brilham. Eu realizei meu Eu verdadeiro. Eu realizei o Eu verdadeiro do universo e, por isso, sou uno com o Absoluto.”

“Que minha fala esteja estabelecida em minha mente. Que minha mente esteja fixa em minha fala. Ó divina palavra! Você se manifestou na forma da sabedoria. Você espalha seus poderes através de minhas palavras. Não me prive da verdade. Que eu possa sempre existir na verdade. Minhas saudações ao fogo do conhecimento, aos espectadores da Verdade e aos Devas (espíritos iluminados). Ó divina palavra! Seja-nos propícia, permaneça em nosso espaço espiritual e seja feliz. Assim como o Senhor da Luz (o sol), purifique constantemente nossos corações e revele aos nossos olhos aquilo que for auspicioso para nós.
Não nos deixe.
Paz, paz, paz a todas as criaturas vivas.”
~ Kaushitaki Upanishad

Prana e O Eu

Desde o período védico, há pelo menos dois mil anos antes de Cristo, o Autoconhecimento tem existido na Índia não apenas como tema dos sábios e filósofos, mas também como o mais elevado ideal dos reis. A maioria dos primeiros monarcas hindus era, em verdade, os grandes professores espirituais do país, embora não pertencessem à casta Brâmane. Há uma ideia que prevalece a respeito de que os Brâmanes eram os únicos professores da Verdade espiritual no início, enquanto as tarefas de governar e guerrear eram dirigidas aos Kshatriyas, ou a casta de guerreiros. Porém, no grande épico *Mahabharata* é dito que alguns dos Brâmanes guerreavam, comandavam o exército e mostravam grandes poderes, coragem e habilidade, embora não se tornassem os governantes do país. Deste modo, lemos no *Bhagavad Gita* sobre Drona e Kripacharya, que eram Brâmanes de nascimento, mas que se tornaram respeitáveis generais que serviram no campo de batalha e foram os professores dos Kshatriyas na ciência militar, como era conhecida na época. Por outro lado, encontramos nos *Upanishads* e nos épicos que os Kshatriyas foram os primeiros professores dos Brâmanes a respeito das verdades espirituais mais elevadas. Krishna, Rama e Buda eram todos Kshatriyas. Os Kshatriyas, sendo da casta de guerreiros, tinham como dever proteger o país, governar a nação, lutar contra os inimigos e estabelecer o reino da paz, justiça e retidão entre o povo. Eles eram autorizados, no entanto, não apenas a se tornarem soldados, comandantes do exército e sentarem em um trono, mas, ao mesmo tempo, levarem o Autoconhecimento para todas as almas sinceras e diligentes.

Os governantes hindus de tão remotas eras não eram como os monarcas de hoje. Eles consideravam a vida como algo que tinha um significado e, para eles, a existência não valia ser vivida até que tal significado fosse percebido. Mesmo naquela antiguidade, os

buscadores monárquicos da verdade sentiam que aqueles que executavam as tarefas de suas vidas diárias sem saber quem eram ou o que eram em verdade, estavam vivendo em absoluta escuridão. Portanto, após cumprirem suas tarefas como Kshatriyas e governantes do país, eles ainda encontravam tempo para se devotarem à busca do Autoconhecimento.

Houve um grande rei hindu na antiga Índia, com o nome Divodasa, que vivia em Benares. Benares era a Atenas indiana da época. Ela era a residência da educação e o centro da religião, da ciência e da filosofia. Desde tempos pré-históricos, Benares foi o berço da civilização e da cultura orientais. Mesmo na época do Buda, quinhentos anos antes de Cristo, a cidade era a fortaleza da filosofia e da religião hindu, e o Buda não poderia ter feito nada se não tivesse convencido os estudiosos de Benares. Divodasa, este famoso e poderoso governante de Benares, tinha um filho, que se tornou famoso por derrotar seus mais ferozes inimigos. É dito que ele conquistou até mesmo os Devas, os deuses mitológicos, ou espíritos iluminados. No terceiro capítulo do *Kaushitaki Upanishad*, há uma história que descreve como este jovem príncipe, Pratardana, através de suas esplêndidas coragem e destreza, conquistou todos os grandes seres do plano humano e depois foi à morada do governante dos Devas.

De acordo com a mitologia hindu, Indra, o deus do Trovão, tornou-se o governante dos Devas devido aos seus trabalhos excelentes e sua sabedoria. Pratardana, o filho do poderoso rei Divodasa, foi até a morada de Indra, que vivia em seu paraíso, com o desejo de conquistá-lo. Ele contou como tinha destruído seus inimigos e derrotado os Devas. Indra ficou um pouco consternado com a visão de tal grande herói e não sabia como deveria recebê-lo, ou o que fazer para agradá-lo. Assim, depois de ouvir a descrição dos poderes e vitórias do príncipe, Indra disse a ele: “Estou muito contente com você e quero conceder-lhe um desejo. Escolha um desejo e ficarei feliz em realizá-lo para você”. O

príncipe respondeu: “Você mesmo escolha para mim o desejo que considerar o mais benéfico para um homem”. Ele não sabia o que pedir, mas sabia que havia algo que seria muito benéfico a todos. Tendo isso em mente, o pensamento de que as pessoas vivem em ignorância e auto-ilusão, sem compreenderem a verdadeira natureza do Ser e que deveriam ter algo pelo qual suas vidas valham ser vividas, ele disse: “Realize aquele desejo que você considera o melhor para um homem”. Indra respondeu: “Isto não é correto, você deve escolher seu próprio desejo. Ninguém que escolhe, escolhe pelo outro”. O príncipe insistiu dizendo: “O desejo escolhido por mim não é um desejo para mim”. Ele não ia escolher porque não sabia o que seria de mais ajuda à humanidade, por isso, ele deixou isso para Indra. Então, Indra disse: “Estou atado à minha promessa e devo ser verdadeiro com minhas palavras, por isso, devo conceder a você o mais elevado desejo que seja de ajuda e útil para toda a humanidade”.

“Conheça apenas a mim. Isto é o mais elevado e de mais ajuda ao homem. Conheça-me, meu Eu verdadeiro.” Com isso, ele quis dizer que não eram seus poderes, nem suas glórias, mas o Eu real dele, aquele que é o significado de expressões como “eu, mim, meu” e “tu, te, teu”. Aquele que conhece este verdadeiro Eu ganha poder ilimitado. Se ele fizer algum mal, o mal não o afeta. O conhecedor do Eu é o maior de todos, ele é maior que os reis, maior que os poderosos imperadores, ele possui todas as virtudes descritas nas Escrituras do mundo e nada pode fazê-lo cair das glórias do Autoconhecimento. Então, Indra elogiou o Autoconhecimento dizendo: “Eu conquistei todos os demônios, eu destruí esses demônios que tinham três cabeças e até cem cabeças. Eu cometi muitos atos cruéis, mas todos eles não podem me afetar porque eu possuo o conhecimento sobre o Eu Supremo. Embora eu tenha feito muitas ações desumanas, ainda vê-se minha glória, força e poder; nem um único fio de cabelo foi machucado por eles. Aquele que assim me conhece nunca será machucado nesta vida por qualquer ato pecaminoso, nem pelo

roubo, nem pelo assassinato de seu pai, mãe ou de um sábio Brâmane. Se ele estiver prestes a cometer um pecado terrível, a expressão em seu rosto não muda". Desta maneira, Indra fez muitos elogios ao Autoconhecimento. Ele não queria dizer que o conhecedor do Eu deveria cometer tais atos pecaminosos, cruéis ou desumanos. Ele queria demonstrar que o poder do Autoconhecimento é maior do que qualquer outro poder que exista em qualquer lugar do mundo, que o Autoconhecimento purifica o coração e a alma do pior pecador e lava os mais horrendos pecados que o ser humano possa cometer. O assassino de um pai, uma mãe, ou ambos, ou de um mestre espiritual reverenciado, todos esses atos imperdoáveis não podem corromper o poder Divino do Autoconhecimento, que purifica as almas de todos que o possuem.

Após elogiar o Autoconhecimento, Indra disse: "Eu sou o Prana, conheça-me como Prana, a vida. Adore-me como o Eu consciente, a fonte de inteligência". Prana é a palavra em sânscrito para força vital. Vida e inteligência são inseparáveis, sempre que há vida, há inteligência de alguma maneira. "Medite em mim como vida e inteligência. A vida é Prana, Prana é vida. A vida é imortalidade, a imortalidade é vida." Aqui, devemos compreender que a vida nunca termina. A vida, em si mesma, é imortal e indestrutível, ela não pode mudar. Não vemos a vida nascendo de menos vida. A vida é sempre a mesma independente de se expressar exteriormente. As expressões podem variar, mas a força vital é uma e imutável. Quando não vemos a manifestação da vida, dizemos que tal ser está morto, no entanto, a força vital não morre. Poucas pessoas podem entender isso. Onde há vida, a morte não pode existir. Podemos dizer que uma criança nasce e cresce, mas a vida da criança não está sujeita ao crescimento. Se estivesse sujeita ao nascimento e crescimento, ela seria mutável, seria mortal. Aquilo que chamamos de força vital é livre de nascimento, decadência e morte. Todas essas mudanças acontecem nas formas pelas quais a força vital imortal se manifesta. Falamos que uma criança ou uma

planta crescem, mas desde o início, a força vital é a mesma. As manifestações de alguns outros poderes com os quais a vida é sustentada aparecem de maneiras diferentes em vários estágios da evolução, ou crescimento, do organismo animal ou vegetal.

"Prana é vida, vida é imortalidade. Enquanto o Prana estiver no corpo haverá vida. Através do Prana, obtém-se a imortalidade em outro mundo. Se soubermos o que é a verdadeira vida e sentirmos que somos unos à vida e inseparáveis dela, podemos perceber que somos imortais, porque a vida não morre, ela não advém da não-vida. Se tentarmos traçar a origem da vida, retrocendo com nossas imaginações o quanto pudermos, nunca encontraremos que sua causa está na não-vida ou em algo morto. A vida sempre advém da vida. Ela existe desde o passado sem início e não podemos nunca pensar nela como sujeita à morte ou à destruição, portanto, ela é eterna. Porém, contanto a força vital se manifeste através do corpo, o corpo está vivo, esta é a expressão secundária da verdadeira força vital. Não pensamos na força vital, ou Prana, mas pensamos na forma que se move e executa certas ações. Dizemos: "Ele viveu muito", "A vida dele foi de muitos anos", todas essas expressões, no entanto, significam a manifestação secundária do Prana. A vida, em seu sentido primário, é imortal. Quando aquele Prana, ou força vital, expressa a si mesmo, os órgãos estão vivos, os sentidos executam suas funções, a mente pensa e o intelecto age.

Novamente, este Prana, ou força vital, é inseparável da inteligência. Não temos como separar a inteligência da força que faz tudo no universo se mover. O Eu tem dois poderes, que se expressam como inteligência e como a atividade do Prana. A inteligência é aquilo que é a fonte da consciência, não há um termo em inglês para expressar isso. É chamado em sânscrito de "Prajna", mas não pode ser traduzido como "conhecimento", porque conhecimento significa compreensão, que é uma função do

intelecto. Prajna refere-se à fonte de todo conhecimento e consciência.

Indra continuou: “Aquele que sabe que sou um com a vida (Prana) e com a inteligência (Prajna), que sou imortal, indestrutível e imutável, atinge o máximo da vida nesta Terra e, após a morte, viverá no paraíso aproveitando da vida eterna”. Aqui, Indra usou a palavra “Prana” como força vital, mas o jovem príncipe pensou que ele tinha dito poderes dos sentidos, porque Prana também é usado para significar o poder de ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar, o poder da fala, os poderes de apreender, mover-se, excretar e gerar, e aquilo através do qual todos os órgãos do corpo executam suas funções. Portanto, ele disse: “Alguns dizem que todos os Pranas, ou poderes dos sentidos, tornam-se um, de outro modo, ninguém poderia ver, ouvir, falar ou pensar ao mesmo tempo. Depois de ter se tornado um, cada sentido percebe os objetos separadamente. Pensando que o Prana significava as atividades dos órgãos dos sentidos, ele queria saber qual deles era particularmente dito por Indra. Ele matinha que, embora a vida, ou Prana, fosse uma, os órgãos dos sentidos executavam suas ações separadamente em sucessão. Duas percepções dos sentidos não ocorrem ao mesmo tempo, deve haver um intervalo mínimo de tempo entre elas. Por exemplo, quando temos uma vista e ouvimos um som aparentemente ao mesmo tempo, uma análise apropriada mostrará que uma sensação é seguida da outra, não podemos ter várias percepções simultaneamente. De acordo com os psicólogos da antiga Índia, a mente percebe os objetos de sensação um por vez. Quando um órgão do sentido executa sua função, os outros permanecem quietos, o intervalo pode ser infinitesimalmente curto, podemos não percebê-lo com nossa atenção comum, eles ainda surgem em sucessão, deixando entre si um intervalo minúsculo de tempo. Por isso, o jovem príncipe não entendeu qual atividade do sentido em específico foi falada por Indra. Depois de levantar a dúvida, ele ficou em silêncio.

Indra respondeu: "É verdade que todos esses sentidos executam suas funções em certos intervalos e que todos eles são ótimos, porém, no entanto, há uma outra força que é maior do que todos os poderes dos sentidos. Esta força é proeminente dentre todos os outros poderes". Não é o poder de ver, nem ouvir que nos torna vivos. Pessoas cegas e surdas não veem e não ouvem, mas estão vivas. O poder da fala não se manifesta em um mudo, mas ele está vivo. Um homem pode viver tendo perdido o poder de cheirar, saborear ou tocar. Uma pessoa pode não ter memória, mas ainda será chamada de ser vivo. Tudo isso mostra que aquilo que nos torna vivos não é o mesmo que os poderes de ver, ouvir, falar, cheirar, saborear, tocar ou pensar. Um homem pode perder os braços, mas não dizemos que ele está morto. A perda das pernas ou outros órgãos de trabalho não destroem, como vemos, a força vital, ou Mukhya (mais elevado) Prana. Assim, a força vital é distinta do poder de percepção, ou atividade dos sentidos. Porém, ao mesmo tempo, esses órgãos dos sentidos não executarão suas funções se estiverem separados da força vital.

A força vital, ou Mukhya Prana, é independente dos poderes dos sentidos, no entanto, os poderes dos sentidos dependem do Prana. Onde a força vital não se manifesta, os órgãos dos sentidos podem continuar perfeitos, mas não haverá expressão dos poderes dos sentidos na forma de percepção da sensação. O olho de um homem morto pode estar perfeito, o nervo óptico pode estar em boa condição, as células cerebrais podem estar em um estado normal, mas a força vital não está atuando naquele corpo, os órgãos dos sentidos continuam mortos, sem executarem suas funções, sem produzirem qualquer sensação. Assim, vemos que todos os órgãos dos sentidos permanecem ativos no corpo porque o Prana, a fonte de toda atividade, está lá, e porque a força vital governa e regula todos os sentidos. Portanto, nos *Vedas* é dito: "Deve-se adorar o Prana, a força vital, que mantém o universo vivo". Se você puder compreender o que é a força vital, você terá

compreendido o segredo do universo, tão bem quanto aquilo que te mantém vivo.

Todos os cientistas, anatomistas e evolucionistas estão tentando conhecer a natureza daquela força vital, mas foram bem sucedidos? Não. Alguns dizem que ela é uma atração molecular, outros acreditam que seja um resultado de forças psicoquímicas, mas eles têm certeza sobre o que dizem? Que progresso a ciência fez em sua tentativa de descobrir a fonte da força vital? A ciência rejeitou a ideia de que a força vital seja independente das forças mecânicas da natureza, mas a ciência não nos diz conclusivamente sobre a causa da energia vital. Já houveram debates e discussões sobre este assunto dentre os cientistas de países diferentes durante todas as épocas e ainda o problema está sem solução. Se pudermos compreender a força vital do universo, teremos compreendido o Deus vivo porque, diz a Vedanta, a força vital é inseparável do Ser, que é adorado como Deus.

O que é Deus? É Ele que mantém tudo vivo e sobre quem todas as outras atividades, os poderes dos sentidos e as funções do corpo físico dependem. Indra disse: “Somente o Prana, tendo animado este corpo, faz com que ele se levante. Apenas o Prana é o Eu consciente. O que é Prana é Prajna, autoconsciência, e o que é autoconsciência é também Prana. Ambos vivem neste corpo juntos e juntos eles se esvaem dele”. “Aquela vida é a mesma que nossa autoconsciência.” Você já viu a autoconsciência onde não há vida? É impossível. Sempre que houver autoconsciência, deve também haver vida. Autoconsciência e vida são inseparáveis. Você pode dizer que não existe autoconsciência nas árvores e nas plantas, mas como você sabe que ela não está lá? É por que árvores e plantas não têm cérebro? Elas podem não ter a mesma autoconsciência como aquela que os que têm cérebro possuem, porém, elas têm nervos de um determinado tipo. Como você sabe que uma planta senciente não sente? Tais dogmas dos teólogos, de que a vida é dada pelo Criador apenas aos seres humanos, que

podem glorificar Seu nome, não nos agrada mais. Mesmo os cientistas atuais, como Ernst Haeckel, estão começando a perceber que todas as plantas têm uma alma, que cada célula tem vida própria, que cada átomo tem sua alma e onde houver alma também haverá inteligência, a fonte da autoconsciência. Ela pode se expressar imperfeitamente, pode estar latente ou esperando pela manifestação apropriada, mesmo assim, onde há vida, há também inteligência de algum tipo, e sempre que existe inteligência, também deve haver vida.

Assim como vemos em todas as criaturas vivas, quando a vida se extingue, a autoconsciência também se extingue, portanto, quando a vida está em um estado de inatividade, seja por um desmaio ou desfalecimento, quando a força vital não se manifesta na forma das funções orgânicas, ou atividades dos sentidos, a autoconsciência, naquele momento, permanece latente. Depois, Indra disse: “Quando um homem entra em sono profundo, onde ele não tem sonhos, sua mente está em repouso absoluto e fica coberta com um véu de ignorância”. Algumas vezes, quando você acordar depois do sono sem sonhos, você pode se sentir como se tivesse saído de um reino de grande ignorância. Neste estado de sono profundo, você sabe o que acontece com seus sentidos, atividades, com os poderes de ver, ouvir e etc.? Eles permanecem latentes no Prana, eles retornam e tomam refúgio naquela força vital. Quando a força vital permanece inativa, os outros poderes também podem ficar inativos. Em sono profundo não falamos, vemos ou cheiramos nada. Se houver o barulho de uma arma bem perto de nosso ouvido, não ouviremos, nem nossa mente vai pensar ou imaginar nada. Todos os poderes mentais e físicos continuam em potencial e levantam-se quando acordamos. O primeiro despertar é visível com as ações vitais. No sono sem sonhos (Sushupti), no entanto, a força vital não está completamente separada da parte central do corpo, porque a atividade subconsciente do Prana se manifesta no batimento cardíaco, na circulação, digestão e no processo da respiração. Se a força que causa o movimento do coração e dos

pulmões cessar, haverá uma separação completa do Prana desses órgãos e por isso não acordaríamos. Isso é a morte. Porém, no sono profundo, tornamos-nos um com o Prana, que absorve todas as nossas atividades conscientes; no estado de vigília, todas as atividades retornam a seus respectivos órgãos, os sentidos começam a perceber e executar suas funções.

Indra ilustra isso dizendo: “E quando ele acorda, então, como se de um fogo ardente, faíscas disparassem em todas as direções, as faíscas dos vários poderes dos sentidos vão se processando e entram em contato com os objetos externos”. Quando uma faísca chega ao olho, ela ilumina o objeto de visão, a forma, a cor; outra faísca surge e cai no órgão de audição, ela então ilumina aquilo que chamamos de som. Do mesmo modo, os outros poderes dos sentidos procedem do Prana como faíscas. A própria mente é outra faísca que executa várias funções mentais. Porém, quando uma pessoa está para morrer, estando doente ou caindo de fraqueza, todos os poderes dos sentidos retornam à sua fonte e as pessoas dizem: “A mente dele se foi, ele não pode mais ouvir ou ver, falar ou imaginar”. Então, ele se torna um com o Prana. Quando o Prana deixa o corpo, ele leva consigo todos os poderes dos sentidos, que dependem dele. O homem morrendo leva consigo os poderes de ver, ouvir, cheirar, saborear, tocar, mover-se, falar, excretar, gerar e o poder de pensar, tão bem quanto a autoconsciência. Todas as forças vitais e atividades subconscientes dos órgãos também são extinguidos quando o Prana deixa o corpo. Junto a esses objetos, cor, som, cheiro, etc., que são iluminados pelos sentidos, também são extintos. Quando o poder de ver, por exemplo, é extinto, todas as cores e todas as formas, que podem ser percebidas pelo olho, vão embora com o poder.

Precisamos atentar que os objetos dos sentidos são inseparáveis dos poderes dos sentidos. Quando o segundo é extinto, os objetos são levados com ele. Se todos os sons e palavras que temos cessassem, aqueles poderes de audição e da fala continuariam

latentes. Pelo mesmo motivo, quando o poder de cheirar for extinto, toda a percepção e sensação de odor o acompanharão, e todos os pensamentos, percepções, conceitos, lembranças, vontade e ideias desaparecem quando a mente e o intelecto deixam de ser ativos. Esta completa e absoluta unicidade com o Prana acontece no momento da morte. Já que o Prana e a autoconsciência são inseparáveis, e como eles vivem juntos no corpo e juntos vão embora, um homem em tal estado é dado como morto,

Todos esses poderes orgânicos que são extintos com o Prana permanecem com ele após a morte e o Prana os manifesta de uma outra forma. Assim como no estado de vigília após o sono profundo as forças mentais e físicas surgem como faíscas de fogo, do mesmo modo, após o sono da morte, todos os poderes latentes surgem do Prana, fabricam outros órgãos e executam suas funções. Qual é essa força que fabrica os órgãos dos sentidos? Ela é o Prana, ou força vital, que contém, em forma potencial, todos os desejos, impressões e tendências das existências anteriores.

Quando as atividades dos sentidos, que revelam seus objetos, tornam-se latentes, todas as sensações param e, consequentemente, interrompem a existência relativa dos objetos dos sentidos. O Eu é o centro da inteligência e da consciência. Ele está envolto pelo Prana, cujo uma porção se manifesta subjetivamente como os poderes dos sentidos, enquanto outras porções se expressam como os objetos de sensação. Como os objetos de percepção não podem existir sem estarem relacionados aos poderes dos sentidos perceptíveis, ou sujeitos, do mesmo modo, os sujeitos apenas existem enquanto estejam relacionados aos objetos.

Aqui, temos que lembrar das verdades que já aprendemos: que os poderes dos sentidos dependem do Prana, ou força vital; que o Prana e a autoconsciência são idênticos; e que os objetos estão relacionados às sensações porque não podem existir como

independentes dos poderes da percepção. Não haverá cor em relação a nós se nosso poder de visão estiver morto. Pelo mesmo motivo, aquilo que chamamos de som apenas existe em relação ao poder da audição, Do mesmo jeito, pode ser demonstrado que os objetos externos que percebemos são inseparáveis de nossas sensações a respeito deles, e elas, por sua vez, dependem de nossos poderes dos sentidos. Um objeto de percepção pode ser comparado a um pedaço de tecido. Assim como um tecido que é feito com fios é idêntico aos fios (o que é um pedaço de tecido que não fios colocados juntos?), um objeto de percepção, sendo colocado junto com as sensações e poderes dos sentidos, é idêntico a eles. Os fios da sensação e dos poderes dos sentidos são advindos das forças do Prana. Todo o universo, portanto, depende do Prana, ou autoconsciência. O Eu é o centro do universo, assim como o centro de cada um de nós. Ele é a base da vida, inseparável do Prana e o produtor de todos os poderes dos sentidos. De fato, o Eu é a origem do universo fenomênico.

Mais uma vez dizemos que o Prana não é muitos, mas é apenas um. A força vital em você é a mesma que a força vital em mim ou nos outros. Como a força vital é uma, a autoconsciência também é uma. A autoconsciência em você é a mesma em mim e em todas as criaturas vivas. Ela é apenas uma em todo o universo. Podemos inferir apenas a partir de símbolos externos sobre a natureza da autoconsciência nos outros indivíduos e compará-la à nossa própria.

A autoconsciência está na raiz de todo o conhecimento. Sem a autoconsciência, a fala não conheceria sequer uma palavra. Sem a autoconsciência, o ouvido não revelaria sequer um som. Quando nossa autoconsciência está centrada em um objeto em específico, podemos não notar outras coisas que entram em contato com nossos olhos. Por exemplo, quando você está olhando para algo com atenção na rua, outros objetos podem passar na sua frente e você não os perceberá, embora seus olhos estejam lá. O mesmo

com os sons, quando sua mente está concentrada em um som em específico, você não ouve outros sons. Uma pessoa pode estar te chamando, mas você não a ouve. Quando sua mente está concentrada em um pensamento ou ideia particular, você não vê, ouve, cheira, saboreia ou tem qualquer outra sensação. Em resumo, sem a autoconsciência, pensamentos não podem surgir em sucessão e nada pode ser conhecido. Portanto, é dito: "Aquele que é o verdadeiro espectador devemos conhecer, não temos que conhecer a fala ou as palavras, devemos conhecer quem fala, o Eu. Onde está quem fala? Descubra. Quem é o espectador? Descubra. Que nenhum homem descubra a fala, mas que descubra quem fala. Que nenhum homem descubra a visão, mas que descubra aquele que vê. Que nenhum homem descubra o som, mas que descubra aquele que ouve".

Os cientistas estão tentando descobrir o que é o som, mas não querem saber quem é que ouve. Os filósofos da Vedanta, ao contrário, vão a fundo nas questões. Eles não querem saber se o som é ou não vibração do ar. Para se tornar um som, algum tipo de vibração deve estar relacionada ao nosso poder de audição; se este nosso poder for extinto, quem ouvirá o som? Qual o propósito em gastar nosso tempo tentando saber o que é o som? Primeiro, vamos descobrir a verdadeira natureza dos poderes dos sentidos, depois a fonte deles e, por fim, o Conhecedor de todos os objetos dos sentidos. "Que nenhum homem descubra os sabores dos alimentos, mas que descubra o conhecedor dos sabores. Que nenhum homem descubra o que são o prazer e a dor, mas que descubra o conhecedor do prazer e da dor. Que nenhum homem descubra o que é a alegria e a felicidade, mas que descubra o conhecedor da alegria e da felicidade. Que nenhum homem descubra o pensamento, mas que descubra o pensador. Os objetos da percepção têm referência com o Prajna, ou autoconsciência, e os sujeitos, ou poderes dos sentidos, têm referência aos objetos. Os objetos têm relação com os sujeitos, os sujeitos têm relação

com os objetos. Se não tivessem objetos, não haveriam sujeitos e vice-versa, uma vez que sozinhos não poderiam alcançar nada.”

A autoconsciência é descrita por Indra como o centro da roda de uma carruagem. Este corpo é a carruagem e a parte de fora da circunferência da roda é feita pelos objetos dos sentidos, os raios são os poderes dos sentidos que revelam tais objetos, e a carroceria da carruagem, onde os raios foram atrelados, é o Prana, a força vital. Assim, os objetos são colocados nos sujeitos (os raios) e os sujeitos no Prana. O Prana, que é inseparável da inteligência e da autoconsciência, é imperecível, imortal e abençoado, ele é o Eu verdadeiro. O Eu verdadeiro não é expandido com atos bons, ou diminuído com atos ruins. Os pecados do mundo não podem corromper ou modificar a natureza deste Eu verdadeiro. O Eu verdadeiro não é nem virtuoso nem pecaminoso, mas é sempre Divino e perfeito. Atos bons e ruins afetam o ego, o executor, o ator, e resulta naquilo que o ego colhe. Temos que entender que todas as ações boas e ruins são dependentes da autoconsciência e da força vital. A fonte da consciência e da inteligência é a guardiã do mundo, a produtora de todos os fenômenos do universo, e este é nosso “verdadeiro Eu”.

“Este Autoconhecimento ajudará toda a humanidade no caminho da imortalidade e da perfeição, que leva à morada da paz e da felicidade.”

“Possam todas as funções de nossas mentes, ações de nossos corpos e atividades de nossos sentidos agradarem ao Supremo Brahman, que é descrito na Vedanta. Que não O esqueçamos. Que possamos realizar Sua presença em nós. Que Ele não nos abandone. Possam todas as qualidades divinas adornar nossas almas e trazer paz às nossas mentes.
Paz, paz, paz esteja com todos nós.”
~ Chandogya Upanishad

Busca do Eu

A antiga mitologia dos hindus, que lembra em vários aspectos a mitologia grega, descreve como deuses e demônios assumiam formas humanas e viviam como humanos na Terra. Mesmo nos primeiros *Upanishads*, encontramos registros sobre os Devas (deuses) e os Asuras (demônios) vivendo juntos e batalhando. É dito que o primeiro Senhor nascido do universo, Prajapati, uma vez disse aos deuses e demônios: “Por que vocês batalham por poder e supremacia? Apenas o conhecimento do Eu traz paz ao conhecedor. O Eu, ou Atman, é sem pecados, livre da velhice e da morte, da tristeza e do sofrimento, da fome e da sede. Seus desejos são verdadeiros e nunca ficam insatisfeitos, também seus pensamentos são sempre verdadeiros. Este Eu deve ser buscado por todos. Aquele que realiza o Eu, obtém o que quiser, seus desejos são preenchidos, todos os poderes chegam a ele, e ele se torna o mestre de todos os mundos e de todos os reinos que existem na Terra e também nos céus”.

Os deuses e os demônios, que eram ambiciosos e infelizes, pensaram, depois de ouvirem isso, que era algo muito fácil tornar-se o senhor do mundo e mestre de tudo. Aqui inicia a história, contada no *Chandogya Upanishad*, um dos mais antigos e autênticos escritos da Vedanta. Ele pertence ao *Sama Veda*, aquela porção dos *Vedas* que foi a base da ciência da música na Índia. A escala de sete notas foi primeiramente usada nos hinos do *Sama Veda*, que foram transformados em música e entoados, ou cantados, durante os ritos e sacrifícios religiosos. A narrativa conta que os deuses e os demônios, sendo assim instruídos por Prajapati, o primeiro Senhor de todas as criaturas, despertaram para o desejo de atingir o Autoconhecimento. Eles perguntavam entre si como poderiam ganhar tal conhecimento, que os tornariam os mais poderosos dos seres, e eles estavam determinados a

encontrarem aquele Eu (Atman), através do qual todos os mundos e todos os desejos são conquistados.

Aqui precisamos compreender que os demônios não são espíritos ruins, mas são como os seres humanos, fortemente apegados aos prazeres do mundo dos sentidos. Eles não conhecem nada sobre os mais elevados ideais de vida, são materialistas em suas visões e pensam que o corpo é tudo, que tudo termina com a morte do corpo. Eles querem dominar o universo, seus desejos nunca são satisfeitos, sempre querem mais e mais, e lutam constantemente por poder e força. Seres humanos com tais tendências são descritos nos *Vedas* como Asuras, ou demônios, enquanto os Devas, ou deuses, são aqueles que são espiritualizados, corretos, que se sacrificam, que não consideram os desfrutes e prazeres terrenos como o objetivo de vida e cujo ideal é ganhar força e poder espirituais para realizarem a Verdade Absoluta.

Os Devas e os Asuras pensavam que se pudessem enviar seus líderes para algum vidente da Verdade, a partir desses líderes, eles poderiam, então, conseguir o Autoconhecimento. Assim, os deuses e os demônios foram até seus respectivos líderes, Indra e Virochana, e pediram para que eles procurassem pelo Autoconhecimento. Embora eles tivessem todos os prazeres e confortos da vida e tudo que um ser humano poderia querer, e possuíssem todos os poderes psíquicos, propriedades, riqueza, luxúria e podiam ter qualquer coisa que quisessem, ainda não estavam satisfeitos. Eles ambicionavam mais força, mais poder e quando ouviram de Prajapati que havia algo com o qual eles poderiam realmente se tornar mestres de todo o universo, eles queriam aquilo e estavam ansiosos por consegui-lo imediatamente.

Indra e Virochana, os governantes dos Devas e dos Asuras, saíram separadamente para procurar o conhecedor da Verdade Absoluta, que tinha realizado o Eu e que poderia dividir seu conhecimento com os outros. Eles abandonaram seus luxos e prazeres, e

deixaram suas vestes e outras posses para trás. Com modéstia e simplicidade, os dois líderes, sem se comunicarem um com o outro, procuraram pelo maior de todos os conhecedores do Eu e chegaram a ele com oferendas nas mãos de acordo com o costume do país, já que na Índia não se visita um templo, rei ou professor espiritual (Guru) de mãos vazias. Por isso, eles levaram combustível, manteiga, frutas e, com reverências, ofereceram tudo a Ele, considerando-o como o mestre espiritual. Tendo recebido essa permissão, eles se tornaram seus alunos e viveram a vida de pureza e retidão como Brahmacharins, ou alunos, por trinta e dois anos, sempre servindo e obedecendo o mestre. Um dia, este Santo Mestre perguntou porque eles haviam ido até ele e o que queriam. Eles responderam: "Ouvimos de Prajapati, o Senhor de todas as criaturas, que o Autoconhecimento pode tornar uma pessoa extremamente feliz e proporcionar todos os poderes e todos os objetos de desejo do conhecedor; que o Eu verdadeiro é livre do pecado e da velhice, não nascido e sem morte, não afetado pela fome nem pela sede; que seus desejos são sempre preenchidos e seus pensamentos são verdadeiros e perfeitos. Este Eu deve ser procurado e realizado. Nós chegamos a você, Ó Senhor, para adquirir o Autoconhecimento".

O grande mestre, querendo examinar se a compreensão dos alunos já estava purificada ou não, não os instruiu na verdade mais elevada, mas deu algumas sugestões pelas quais eles poderiam procurar e descobrir o Eu verdadeiro que reside dentro de todos. O melhor professor é aquele que direciona seus alunos passo a passo no caminho da realização e que os faz investigar a Verdade por seus próprios esforços. Assim, o mestre Divino, que era o próprio Prajapati na forma de um Guru, disse a eles: "A pessoa que é vista no olho é o Eu verdadeiro (Atman). Ele é livre do pecado, da tristeza, do sofrimento e do nascimento, é imortal e destemido. Ao conhecê-lo, pode-se obter todos os mundos e todos os desejos". Ao ouvirem isso, as mentes dos alunos ficaram confusas. Eles não conseguiam entender o que o mestre queria dizer com a expressão

“A pessoa que é vista no olho é o Atman, o Eu verdadeiro”. Eles achavam que ele queria dizer a sombra que é vista na pupila do olho. Quando olhamos no olho de uma pessoa, vemos a imagem de uma pequena figura, o reflexo de nós mesmos. O mestre, no entanto, não queria dizer isso. Ele se referia ao agente real da visão, o governante de todos os sentidos, que é visto através dos sentidos apenas pelos Yogis de coração puro. Compreendendo erroneamente o verdadeiro significado, os discípulos perguntaram: “Bhagavan, quem é aquele que é visto no espelho e percebido na água? Ele é a mesma pessoa que é vista no olho?”. O mestre, vendo que seus alunos não tinham entendido o verdadeiro espírito, respondeu: “Aquele Eu verdadeiro é, de fato, visto em todos eles. Conheçam e realizem tal”. Depois, para testar o poder de compreensão dos alunos, ele continuou: “Olhem a si mesmos em uma tigela de água e aquilo que não compreenderem sobre o Eu, venham e me digam”. Os obedientes alunos foram e se olharam na água. Vendo o reflexo de seus corpos, eles voltaram e disseram: “Sim, senhor, vimos aquilo que você queria dizer”. O mestre perguntou: “Vocês viram o Eu ou o que?”. Os discípulos responderam: "Vimos nós mesmos da cabeça aos pés, uma figura perfeita, com o cabelo e as unhas”. Para tirá-los daquela confusão, o mestre disse: “Depois de cortarem o cabelo e as unhas, coloquem suas melhores roupas, enfeitem-se com adereços e vão novamente se olhar na água”. Seguindo suas instruções, eles se limparam e usando lindas roupas e jóias, olharam para seus próprios reflexos na água. O mestre então perguntou: “Vocês veem o Eu?”. Eles disseram: “Reverendo senhor, vimos nós mesmos como estamos agora, limpos, bem vestidos e adornados”. O mestre respondeu: “Este é o Eu, o Atman imortal, que está livre do medo e da tristeza. Conheçam-no e realizem-no”. Os discípulos foram embora muito satisfeitos. Prajapati, vendo-os de longe, disse: “Vocês foram embora sem terem adquirido o conhecimento sobre o Eu verdadeiro. Aqueles entre vocês, sejam deuses ou demônios, que seguirem esta doutrina, perecerão”. Mas Indra e Virochana não

deram atenção àquelas palavras. Eles pensavam que tinham realizado o Eu e foram para casa sentindo-se contentes.

Agora, Virochana, que tinha entendido que o corpo era o Eu, foi até os Asuras, os demônios, e ensinou a doutrina que tinha aprendido. Ele ensinou as ideias mais materialistas, como aquelas dos ateístas e dos agnósticos: “O corpo é o Eu, apenas o corpo deve ser adorado e servido. Ao glorificar o Eu e servir o corpo, torna-se o mestre dos mundos e obtém-se tudo”. Os demônios, seguindo aquelas instruções, tornaram-se absolutamente materialistas em suas visões e começaram a decorar e adorar suas formas físicas.

Mesmo na era atual, muitos desses demônios podem ser encontrados neste mundo. Aqueles que mantêm doutrinas ateístas, agnósticas e egoístas possuem tendências demoníacas. Eles não ligam para nada a não ser seus corpos e não sentem nada pelos outros. Eles não são caridosos, nem dão esmolas aos pobres. Eles não têm fé em nada maior que suas próprias formas materiais. Os demônios de hoje não oferecem sacrifícios a Deus. Eles decoram seus corpos, ou os corpos dos mortos, com flores, perfume, acessórios e roupas finas, e imaginam em vão que ao adorarem daquela maneira, o corpo conquistará os mundos.

O senhor dos Devas, Indra, no entanto, teve mais consciência do que o governante dos demônios. Ele foi para casa, mas hesitou em ensinar aos deuses. Lembrando-se do que o Senhor de todas as criaturas tinha descrito, que “O Atman, ou Eu, deve estar livre da fome, da sede, do nascimento, da morte, da tristeza. Isto é ser imortal e destemido”, ele disse para si mesmo: “Este corpo não pode ser o Eu verdadeiro, porque ele está sujeito à fome e sede, e não está livre de nenhuma dessas imperfeições. Como poderia o mestre ter se referido ao Eu verdadeiro, a sombra deste corpo, já que o corpo está sujeito ao nascimento, doença e morte? Não vejo bons resultados com tal doutrina”. Insatisfeito, Indra ficou determinado a voltar ao mestre como aluno, com oferendas nas

mãos. Quando ele voltou, o mestre disse: “Você foi embora com Virochana, satisfeitos de que tinham aprendido a verdade e obtido o conhecimento do Eu. Por qual motivo você voltou?”. Indra respondeu: “Bhagavan, como pode a sombra do corpo ser o Eu verdadeiro, uma vez que ela passa por tantas mudanças? Se o corpo estiver bem decorado com flores e roupas bonitas, o eu (sombra) tem uma aparência diferente. Se alguém perde o olho, a sombra (o eu) também ficará cega. O eu (sombra) será manco se o corpo for manco, aleijado se o corpo for aleijado, e perecerá com a morte do corpo. Portanto, aquela sombra mutável não pode ser o Eu imutável. Não vejo nenhum bom resultado vindo de tal doutrina. Por favor, explique minha dificuldade e faça-me compreender o Eu verdadeiro”. O mestre respondeu: “Ó, Indra, é assim mesmo. Vou explicar o Eu verdadeiro para você. Viva comigo como meu discípulo por mais trinta e dois anos”.

Indra viveu com seu mestre e o serviu por mais trinta e dois anos. Um dia, o mestre, estando satisfeito com a pureza, castidade e devoção do aluno, instruiu-o assim: “Aquele que desfruta de todos os sonhos durante o sono é o Eu verdadeiro. Ele é o imortal e destemido Brahman (o Absoluto). Conheça-O, realize-O e esteja consciente Dele”. Ao ouvir isso, Indra foi para casa muito satisfeito. Porém, antes de falar com os Devas, ele encontrou outra dificuldade. Ele entendeu que o Eu (Atman) que desfruta dos sonhos não é o mesmo que a sombra do corpo, ele não é afetado pelas mudanças físicas. É verdade que este Eu não é cego quando o corpo é cego, ou manco quando o corpo é manco, nem é machucado se o corpo for machucado, mas como pode o espectador dos sonhos ser imortal uma vez que está sujeito à mudança e medo, e sofre dores durante os pesadelos? Pensando assim, ele disse: “Não vejo propósito nessa doutrina. Vou novamente perguntar ao meu mestre a respeito de tal confusão”. Indra foi até Prajapati, seu professor espiritual, a terceira vez e perguntou a ele assim: “Como poderia aquele espectador mutável dos sonhos ser o Eu verdadeiro, que é imutável, imortal, livre do

pecado, fome, tristeza, sofrimentos, nascimento e morte?". O mestre respondeu: "Ó, Indra, você está certo. Vou explicar de novo, fique comigo por mais trinta e dois anos".

Ao final daquele período, o mestre disse: "Em sono profundo, aquele que desfruta do descanso perfeito e não vê os sonhos é o Eu verdadeiro, ou Atman, que é imortal". Indra ponderou sobre como aquilo poderia ser o Eu imortal, que não é nem consciente de si mesmo e nem de mais nada. Nem conhecimento ou consciência permanece naquele estado. Tudo é destruído. O mestre quis dizer por Eu a destruição de todos os pensamentos, sentimentos, sensações, consciência e conhecimento? No estado de sono profundo, não temos sentimentos, nem sonhos, nem sensações, nem consciência do corpo ou do mundo externo. Ele não conseguia entender como aquele estado de aniquilação poderia ser o verdadeiro Eu, por isso ele voltou e fez a pergunta: "Bhagavan, você quer dizer que o Eu verdadeiro é o estado de absoluta aniquilação de consciência, conhecimento, sensações e sentimentos?". O mestre respondeu: "Não, aquele não é o verdadeiro Eu". Aqui podemos perceber que o grande mestre espiritual gradualmente dirigia a mente do discípulo do corpo físico denso através do abstrato até o Absoluto. O verdadeiro Eu é o Absoluto além de toda a compreensão. Se partirmos deste estado do sono sem sonhos, que se ergue acima de todos os sentimentos, pensamentos e sensações, se formos mais além, encontraremos nosso Eu verdadeiro. Agora o mestre estava extremamente grato de ver o desempenho do aluno e disse: "Seu entendimento é profundo. Vou explicar o que é o verdadeiro Eu. Viva comigo por mais cinco anos e não menos que isso".

Ao final dos cinco anos, o mestre concedeu o conhecimento mais elevado a seu fiel aluno: "Este corpo físico denso não pode ser o Eu, ele está sujeito à morte, na verdade, ele está constantemente sendo atacado pela morte". A vida do corpo não é nada além de uma série de mortes, ou mudanças. Cada partícula do corpo vai

mudando continuamente e se a mudança é interrompida por um segundo, o corpo não viverá mais. “Pela morte, este corpo é perpetuamente atacado. A morte está sempre trabalhando no corpo”. Aqui, a palavra “corpo” inclui todos os órgãos dos sentidos. Esses órgãos também estão sujeitos a mudanças semelhantes, consequentemente, eles estão morrendo a cada momento. “O corpo é a morada, ou instrumento, do Eu, que é imortal e sem-corpo”. Por este instrumento, o Eu, ou Atman, entra em contato com o mundo material denso. Se o Eu verdadeiro não fabrica o corpo, ele não pode entrar em contato direto com os objetos dos sentidos. O corpo, portanto, existe para o desfrute do Eu, ele é o meio com o qual o Eu está identificado. Ele pensa: “Eu sou o corpo” e experimenta calor e frio, prazer e dor. No entanto, o governante deste corpo é o Eu, enquanto o corpo é a morada dele.

O verdadeiro agente que percebe através dos sentidos é o verdadeiro Eu dentro de nós. As sensações são produzidas pelo contato dos objetos materiais com os órgãos dos sentidos. Os objetos densos, tendo formas, não podem entrar diretamente em contato próximo com o Eu a menos que se manifestem pela forma física do corpo. Porém, a verdadeira natureza do Eu é sem forma, ele é o conhecedor deste corpo, o desfrutador das sensações, o executor de todas as ações. “O Eu”, disse o mestre, “não tem nenhuma forma em particular”. Ele existe dentro do corpo sem qualquer forma específica. Devemos ter em mente que nosso verdadeiro Eu é sem forma, embora nossos corpos tenham formas, a partir disso, entendemos que as mudanças do corpo não afetam o Eu. Já que o Eu é sem forma, como poderia ser o mesmo que a sombra do corpo? O senhor dos demônios, tendo seu intelecto coberto por Tamas, a escuridão da ignorância, e tendo uma mente impura e compreensão imperfeita, não podia entender o verdadeiro significado do Eu. O mestre esperou que ele fizesse mais perguntas, mas como ele foi embora satisfeito de que tinha aprendido tudo a respeito do Eu, Prajapati não queria forçar o conhecimento sobre o Eu Absoluto, ou Atman, já que ele era muito

incapaz de receber tal conhecimento. Virochana, por consequência, não adquiriu o conhecimento do Eu verdadeiro, que é sem forma e imortal.

Todos os órgãos dos sentidos, todas as sensações, de fato tudo o que está conectado ao corpo é transitório. Se percebermos isso, podemos saber que o Eu imortal não pode ser um com o corpo. Este Eu sem forma existe no corpo por um tempo e, após deixá-lo, continua sem forma. “Contanto que o Eu (Atman) viva no corpo e esteja identificado com ele, o Eu não está livre do prazer e da dor, mas aquele que conhece o Eu como separado da morada física, é intocado pelo prazer e pela dor.” Pode ser perguntado: como pode o Atman sem forma se manifestar através do corpo que tem uma forma? O vento não tem forma, o vapor não tem forma, a eletricidade é sem forma, mas eles ainda aparecem através de formas. Quando o vento sopra, embora seja sem forma, ele entra em contato direto com objetos com forma, e demonstra sua forma e poder ao se mover pelos objetos. Do mesmo modo o vapor, que é sem forma, mas pense em como ele manifesta sua gigantesca força através dos motores e das locomotivas. A atmosfera está repleta de eletricidade, que é imperceptível aos nossos olhos e sentidos e ainda toma muitas formas, como relâmpagos e trovões. Não sentimos a presença da eletricidade atmosférica, precisamos ter um Marconi [6] para nos fazer perceber o valor e importância dessa corrente invisível na atmosfera. As forças da natureza são sempre invisíveis e sem forma. Ninguém nunca viu ou tocou uma forma em si. Sua existência pode ser inferida apenas por ver sua manifestação através das formas. Assim como todas as forças imperceptíveis podem ser percebidas pelos sentidos sob determinadas condições, o Atman, embora imperceptível por natureza, manifesta seu poder e inteligência através da forma do corpo físico. Como podemos conhecer o poder de pensar exceto por sua manifestação como pensamento? Da mesma maneira, a existência dos poderes de ver e sentir é inferida a partir de suas expressões. Se a visão fica imanifesta em um homem, nós o

chamamos de cego, e ele fica conhecido como aquele cujos poderes mentais e intelectuais estão latentes, mas quando a expressão desses poderes começa, vemos seus efeitos externos. Ninguém poderia conhecer quais poderes existem no Atman caso o verdadeiro Eu não tivesse se manifestado no corpo através dos poderes de ver, cheirar, saborear, tocar, mover-se, pensar, sentir, etc. Eles advêm do Atman, o centro auto-inteligente de dentro de nós. Em estado de ignorância, tais faculdades da alma aparecem como se fossem produzidas pelo corpo, o que é entendido como o Eu, mas quando a luz do Autoconhecimento começa a brilhar, o Atman revela a si mesmo em sua verdadeira natureza como separado do corpo e possuindo todos os poderes e inteligência. Assim como um ignorante não consegue distinguir o vento e a eletricidade do espaço etéreo, do mesmo modo, uma alma iludida não consegue distinguir o Eu verdadeiro do organismo material. Aquele que possui o Autoconhecimento percebe que o Atman é o Ser Superior (Purusha). Ele está sempre feliz, desfrutando os jogos da vida sob todas as condições e nunca pensando sobre o corpo material, que é apenas a morada do Eu inteligente.

O Eu verdadeiro, assim como já vimos, possui Prajna, inteligência, e Prana, atividade. As duas são encontradas na base do universo fenomênico. Quando elas estão latentes, ou potenciais, não há evolução. Vibrações de todos os tipos, cósmicas ou moleculares, e todos os tipos de movimento são apenas expressões da atividade do Prana. A inteligência se manifesta através dos seres humanos e também dos animais inferiores, a única diferença está no grau e não no tipo de manifestação. Sempre que a inteligência, a força vital ou qualquer tipo de atividade puderem ser encontradas, existirá uma expressão do Eu. Nenhum conhecimento é possível sem a autoconsciência. Primeiro, precisamos conhecer a nós mesmos antes que possamos conhecer qualquer coisa. Podemos não conhecer nosso verdadeiro Eu devido ao entendimento imperfeito, mas ainda possuímos algum tipo de autoconsciência. Na Vedanta, a inteligência e o Prana são descritos como as

generalizações definitivas de todos os fenômenos do universo e procedem do Eu Cósmico, ou Brahman, que é a fonte de todo conhecimento e atividades da mente e dos sentidos.

Indra disse: “O Eu é o maior Ser no universo”. Quando compreendido adequadamente, não podemos separar este Atman, ou Eu verdadeiro, do Ser Cósmico, ou universal, pois existe apenas um oceano do Ser absoluto, ou substância, que é chamado por vários nomes, como Deus, Brahman, Atman, Eu. Quando este Ser absoluto se expressa por nossas formas, ele se torna nosso verdadeiro Eu, a fonte da atividade mental e física, assim como torna-se também nossa inteligência e consciência. Todos os desejos são certas formas de atividade mental, eles não podem acordar ou existir se a entidade autoconsciente não estiver na base de todas as atividades. Aquele que adquiriu o Autoconhecimento pode viver no mundo executando todos os tipos de ações, desfrutando de todos os prazeres, mas ao mesmo tempo sem ser afetado ou perturbado por qualquer condição desagradável deste mundo. O conhecimento do Eu protege a alma de ficar agitada pelas mudanças fenomênicas. “Assim como um cavalo, que atado a um transporte o faz mover-se, do mesmo modo, este Eu consciente, estando atado à carruagem do corpo, faz com que o corpo execute suas funções pelo poder do Prana ou da inteligência.” Ou, podemos comparar o corpo a um automóvel, o poder propulsor de onde surge o verdadeiro Eu. Se o Eu estiver separado ou desconectado dos órgãos dos sentidos, os olhos não terão visão, os ouvidos não terão o som, o nariz não terá odores, a língua não terá nada para saborear, as mãos e pés não farão nada. Indra continuou: “O olho é apenas um instrumento, o espectador está atrás da pupila do olho. O verdadeiro espectador e conhecedor da visão é o verdadeiro Eu. O nariz é o instrumento, mas o conhecedor do odor é o verdadeiro Eu. A língua é o instrumento da fala, mas o conhecedor da fala é o Eu consciente; o ouvido é o instrumento de audição, mas aquele que ouve é o verdadeiro Eu. Aquele que pensa é o verdadeiro Eu e a mente é

seu olho espiritual. Através deste olho espiritual, ou divino, o Eu vê todos os prazeres e regozija-se". A mente, intelecto e coração são os instrumentos do verdadeiro Eu, que é o conhecedor de todas as atividades mentais.

"Os Devas, que estão nos céus superiores, adoram e meditam neste Eu, portanto, todos os mundos pertencem a eles e eles atingiram a realização de todos os desejos. Aquele que conhece este Eu e realiza-o, obtém todos os mundos e todos os desejos." Aquele que possui o Autoconhecimento é o mestre do mundo e senhor de tudo, como os deuses do céu superior. Nele, todos os desejos são realizados. Ele não deseja mais nada do mundo, nem procura felicidade do lado de fora. Ele possui todos os poderes. Em resumo, ele é onipotente, onisciente e sempre bem-aventurado. Assim, o grande mestre explicou o mistério do Eu verdadeiro, e o discípulo mais diligente, sincero e de coração puro o realizou através das bênçãos de seu mestre. Indra serviu Prajapati por cento e um anos, como é contado na história. Isso mostra que o conhecimento sobre o Eu verdadeiro não pode ser adquirido facilmente. Paciência, perseverança e desejo diligente e sincero são os passos em direção à obtenção do Autoconhecimento.

Indra ficou feliz e, com gratidão no coração e saudações ao seu divino mestre, foi para casa e ofereceu os frutos de seu árduo trabalho aos Devas. Todos seguiram as instruções de Indra, realizaram o Eu e tornaram-se mestres dos mundos. Tal é o poder e grandiosidade do Autoconhecimento.

*“Possa o Eu Divino proteger o mestre e o discípulo.
Possa ele alimentar nossas almas com o néctar da
Verdade Eterna. Possa ele nos trazer força espiritual.
Possam nossos estudos trazerem a realização do
Absoluto! Paz, paz, paz esteja conosco e
com todas as criaturas vivas.”
~ Kena Upanishad*

Realização do Eu

Um buscador do Autoconhecimento, tendo executado todas as tarefas de sua vida, descobriu que a execução de tarefas não tinha como proporcionar paz à sua mente. Ele tinha adorado todos os Devas, ou espíritos iluminados, e tinha servido aos deuses, mas ele não tinha recebido o conhecimento do verdadeiro Eu. Tampouco tinha encontrado satisfação, embora tivesse passado a maioria de seu tempo em devoção ao Supremo. Aprendendo assim que a felicidade, a paz e o conhecimento não podem ser obtidos a partir dos objetos de sentido ou das relações terrenas, e percebendo o caráter efêmero do mundo fenomênico, ele não podia mais se contentar com os prazeres da vida mundana, por isso renunciou a todos os apegos das coisas terrestres.

Ele também parou os estudos porque descobriu que a leitura das Escrituras não poderia proporcionar o Autoconhecimento, ou a felicidade absoluta, já que os livros e as Escrituras sempre nos recordam das verdades mais elevadas, mas não podem trazer a Verdade mais elevada ao alcance de nossa alma. Aqueles que pensam que a realização espiritual virá com o estudo das Escrituras e livros sagrados estão errados. As Escrituras descrevem certas verdades espirituais, como a existência de Deus, o Amor Divino, a salvação, mas ao torcer as páginas do livro, ninguém obteria a realização dessas verdades, do mesmo jeito como não se pode obter uma gota de água ao torcer as páginas de um jornal que menciona sobre as chuvas. Antes que possamos compreender o espírito de qualquer texto das Escrituras, precisamos realizar a verdade descrita nele.

Este buscador do Autoconhecimento, no entanto, abandonou todos os estudos e foi até um professor espiritual, que sabia sobre o Eu. Ele se aproximou do professor como um aluno humilde, desejoso por adquirir o Autoconhecimento. Ele não tinha nenhum desejo,

não se importava de ir para o céu ou se desfrutaria dos prazeres celestiais. Seu grande propósito e ideal de vida era conhecer a verdadeira natureza do Eu. Nada mais poderia agradá-lo ou fazê-lo feliz. Seu coração ansiava pelo néctar da sabedoria que flui na alma de um conhecedor do Atman. Embora ele tenha ido procurar o mestre para entender que o corpo físico não era nada, que a mente, a diretora dos sentidos, não era a Realidade imutável, mas estava sujeita à mudança constante, sua sede pelo conhecimento continuava insaciável. Agora, ele estava determinado à procura daquela verdade imutável e absoluta, que é a Alma de nossas Almas e a Governante de tudo. Tendo curvado a cabeça em profunda reverência aos pés do grande professor espiritual, o aluno perguntou: “Reverendo Senhor, o que é isto que governa a mente e qual poder a mente tem para executar suas funções? Quais forças guiam o Prana e os poderes dos sentidos? Por que é que somos tão ativos, o que é a causa de nossa atividade? Quem é que fala as palavras? Quem é que vê as visões? Quem é que ouve os sons? Qual é o poder que controla os órgãos da visão, audição e dos outros sentidos?”.

Com essa investigação inicia-se o *Kena Upanishad*, que foi passado de memória por várias gerações antes que a arte da escrita fosse conhecida na Índia. Ele mostra como são antigos e sublimes os ensinamentos da Vedanta. Pense na antiguidade e no profundo significado de tais questionamentos! Sabemos que nossas mentes estão constantemente ativas. Nossos pensamentos e ideias surgem e vão embora. A mente vai de um lugar para o outro, às vezes está na Inglaterra, ou na Índia, às vezes vai até o sol, a lua, as estrelas e outros planetas, por isso, o buscador do Autoconhecimento perguntou: “Quem é que dirige a constante atividade da mente?”. O mestre respondeu: “Aquele que é o ouvinte da audição, o pensador dos pensamentos, o falador das palavras, o motor de todas as atividades dos órgãos dos sentidos, o espectador da visão”. Vamos compreender o significado de “Aquele que é o ouvinte da audição”. Primeiro de tudo, precisamos

questionar: o que quer dizer ouvir? Ouvir significa o poder pelo qual percebemos a existência daquilo que chamamos de som, em outras palavras, aquela atividade orgânica que ilumina a vibração do som. Assim, o ouvinte da audição refere-se ao iluminador do poder de ouvir, sem o qual nenhum som pode ser ouvido. O sentido da resposta do mestre era que o diretor da mente é aquele que ilumina os poderes dos sentidos, assim como é o conhecedor de todas as atividades de nossos órgãos dos sentidos.

O poder de ver, novamente, diz respeito à função orgânica que faz o objeto de visão ser iluminado, ou tornado conhecido para nós. O órgão de visão, no entanto, não tem o poder de produzir consciência ou inteligência. O poder de ver existe enquanto houver Autoconsciência por trás dele. Os órgãos de visão, como os olhos, a retina, o nervo óptico, as células cerebrais e todas suas atividades não produzem a consciência da cor ou o objeto da visão. Em uma pessoa morta, todos esses órgãos podem estar em perfeita condição, mas a percepção da visão, ou a sensação de cor, não será sentida pelo corpo. O corpo não tem em si o poder de ver ou perceber qualquer objeto externo. Assim, ao analisarmos nossas percepções, podemos compreender que todas as atividades dos órgãos dos sentidos são inconscientes por natureza. O Eu consciente que ilumina as funções orgânicas é o espectador das visões, o ouvinte dos sons e o conhecedor de todas as sensações. Ele também é o pensador dos pensamentos dentro de nós. Aquele Eu inteligente, que é a fonte da consciência e do conhecimento, deve ser conhecido como o diretor da mente e dos sentidos. Quando tivermos realizado a causa da autoconsciência, teremos entendido o poder que dirige a mente.

De acordo com a Vedanta, a mente é uma "matéria mais sutil em vibração". A vibração da substância mental produz percepções e sensações, e revela coisas que não podem ser reveladas pelas vibrações da matéria densa. As funções da mente não são nada mais que vibrações de partículas mais sutis da substância etérica,

chamada em sânscrito de Sattva. Porém, a vibração desta substância não produz inteligência ou consciência. Ela é inconsciente por natureza. A substância mental aparece como inteligente quando está em contato próximo com o Eu consciente, ou Atman, assim como um pedaço de ferro, que tendo absorvido o calor de uma fornalha, fica vermelho e pode queimar. O Eu consciente pode ser comparado a um ímã que atrai o ferro da substância mental. Quando um pedaço de ferro, sendo atraído pelo ímã, move-se, aquele movimento não é natural ao ferro, mas é causado por sua proximidade e pelo contato próximo com o ímã. Como a mera presença do ímã produz atividade no ferro, assim também a mera presença do Eu (Atman) cria a atividade da substância mental, embora o Eu não fique confinado nos limites da substância mental, porque o Eu verdadeiro está além de todas as relações de espaço e tempo.

O mestre continuou: “Ao conhecer este Eu, o sábio, ficando livre deste mundo, torna-se imortal”. Aqueles que conhecem essa fonte de inteligência, o Eu verdadeiro, atingem a imortalidade, mas aqueles que não o conhecem, permanecem apegados ao corpo material e aos sentidos, e ficam então sujeitos ao nascimento e à morte. Este é um dos resultados do Autoconhecimento: ao conhecer nosso Eu verdadeiro, tornamos-nos imortais. Embora a verdadeira natureza da alma, de acordo com a Vedanta, seja imortal, e a imortalidade seja um direito de nascença que temos, ainda assim não a atingimos até que tenhamos consciência de nosso Eu imortal. Contanto pensemos que somos mortais, teremos medo da morte. Quando a consciência do Eu imortal é obtida, todo o medo se esvai. O medo da morte surge da ignorância, que nos faz esquecermos de nossa natureza imortal e identificarmos-nos com o corpo material, que está sujeito à morte. Assim, tornando-se um com o corpo mortal, começamos a temer a morte e a sofrer com ansiedade e tristeza. Como podemos esperar ficar livres do medo da morte quando temos identificado nosso Eu com o corpo, que certamente morrerá? Este medo, no entanto, para de perturbar

aquele que percebeu que este corpo é como uma casca, uma casa, ou um receptáculo da alma, que é sem-morte por natureza. A alma fabrica o corpo físico para preencher certos desejos e propósitos da vida. Aquele que conhece esta verdade levanta-se acima de todo medo. Por isso, é dito: “Aqueles que atingiram o conhecimento do Eu verdadeiro é chamado de sábio e, após a morte do corpo, ele transcende o reino do nascimento e da morte. Este é o maior objetivo a ser atingido neste mundo da relatividade”.

Viemos para cá para preencher certos propósitos. Atualmente, podemos pensar que o maior propósito da vida terrena seja ganhar prosperidade material, sucesso nos negócios, a satisfação das ambições e dos desejos dos sentidos. Porém, chegará o momento quando perceberemos que tudo isso é momentâneo, que o verdadeiro propósito da vida é muito maior e mais permanente. É muito difícil compreender o verdadeiro propósito da vida. Poucas pessoas neste mundo encontraram um padrão perfeito pelo qual pudessem mensurar se cumpriram corretamente este propósito ou não. Cada um de nós, um dia, terá descoberto qual é o ideal superior de vida, que é a obtenção do Autoconhecimento.

O Autoconhecimento traz liberdade absoluta à alma. É através do Autoconhecimento que podemos obter tudo que queremos. Neste mundo não há nada superior ao conhecimento do Eu verdadeiro. O conhecimento que temos agora é imperfeito, ele é apenas uma expressão parcial da natureza onisciente do Eu Divino. Tal imperfeição é devido às limitações, ou condições imperfeitas, de Buddhi, ou intelecto, que reflete a sabedoria Divina. Porém, quando as limitações são removidas e o intelecto é purificado, a sabedoria perfeita começa a brilhar. Se um espelho estiver coberto com lama, ele não tem o poder de refletir a luz do sol, por isso, quando o espelho do intelecto, ou Buddhi, está coberto com a lama da mundanidade, ele não reflete a luz da sabedoria que emana do Atman, o Sol Divino. Para aprender tal verdade e o método que pode purificar nossos intelectos e corações, precisamos da ajuda

de um Guru, ou mestre espiritual. O Conhecimento é um, não muitos. O mesmo conhecimento que agora possuímos será o conhecimento superior quando ele revelar nosso Eu imortal. Assim, os homens sábios que conhecem o Eu verdadeiro, atingem a imortalidade mesmo durante esta vida.

O aluno queria ver aquele Eu, que é quem dirige a mente e é o espectador da visão, e a quem, ao se conhecer, torna-se imortal. O mestre disse: “O poder de ver não pode revelar o Eu”. O discípulo pensou: “Se o olho não puder revelar o Eu, sua natureza não será descrita”. O professor disse: “Palavras falham em descrevê-lo, a mente não pode alcançá-lo. Nós não podemos conhecê-lo com a mente, com o intelecto, ou com a compreensão. Como alguém pode ensiná-lo?”. O Eu é o pensador dos pensamentos. A mente pode apenas pensar quando dirigida pelo Eu, que está por trás de todos os pensamentos. O próprio ato de pensar pressupõe autoconsciência e todos os pensamentos são possíveis apenas pela autoconsciência, portanto, aquilo que está acima e para além de todos os pensamentos não pode ser revelado pela mente ou pelo intelecto. Quando a mente não pode pensar por si mesma, como seria possível para o olho ver o verdadeiro Eu? O poder da visão só pode revelar aquilo que se relaciona à nossa vista. O verdadeiro Eu não pode nunca ser trazido ao alcance de nossas percepções dos sentidos. O mestre continuou: “Ele está longe do conhecido e também está além do desconhecido. Assim ouvimos dos antigos sábios que nos ensinaram isso”. Desde tempos antigos, os grandes videntes da Verdade declararam que o Eu real não é nem conhecido e nem cognoscível, e também não é nem desconhecido e nem incognoscível. Comumentemente dizemos: “Conhecemos algo”, “O conhecimento deste livro”, etc. Neste sentido, o Atman nunca pode ser conhecido ou transformado em objeto do conhecimento.

Vamos entender isso mais claramente. Quando falamos sobre conhecer algo, queremos dizer o conhecimento relativo do

intelecto, e passamos a mesma ideia quando dizemos: “Não conhecemos algo”. Novamente, o intelecto pode revelar tais coisas que estão relacionadas aos sentidos, ou que estão sujeitas à percepção dos sentidos. O intelecto é mais ou menos dependente dos poderes dos sentidos, consequentemente, sua esfera é muito limitada, já que os sentidos podem chegar apenas a um pequeno círculo. Por exemplo, ouvimos sons através dos ouvidos. O som é audível até um certo grau de vibração, se a vibração do ar está acima ou abaixo daquela escala, não conseguimos ouvir, embora possa haver um barulho tremendo, nossos ouvidos podem estar surdos a ele. O mesmo pode ser dito sobre o olho, o alcance da visão é igualmente limitado. Agora podemos ver o quanto o intelecto pode ser falho, já que depende dos poderes de percepção. Portanto, aquele conhecimento intelectual que está relacionado aos sentidos da percepção é um conhecimento secundário, ele não pode revelar o Eu, por isso é dito: “O Eu está distante do conhecido”. Além do mais, quando dizemos “Não conhecemos tal coisa”, queremos dizer que estamos conscientes de nossa ignorância, temos o conhecimento do fato de que não compreendemos e não entendemos aquela coisa através do intelecto. Esta ignorância não é nada mais que a falta de apreensão intelectual a respeito daquela coisa, ao que chamamos de conhecimento secundário. Ele é, no entanto, revelado a nós por outro conhecimento, que não depende do intelecto, nem da percepção dos sentidos. Aquela percepção pela qual sabemos que não sabemos algo provém do Eu. Assim sendo, o Eu não é nem conhecido, nem desconhecido, mas está além do conhecimento relativo e da ignorância. “Ouvimos isso de nossos grandes mestres que morreram antes de nós.” Embora este *Upanishad* do *Sama Veda* seja muito antigo, o professor ainda se refere à autoridade dos outros videntes da Verdade que o precederam e de quem o Autoconhecimento foi passado através das gerações.

O mestre disse: “Aquilo que não pode ser expressado pela fala, mas que é o diretor e quem faz a fala, é, ele mesmo, o Eu superior

(o Brahman), não aquilo que as pessoas adoram aqui”. Todo atributo que damos a Deus não é um atributo Dele em verdade. Nós O chamamos de bom, mas Ele não é apenas bom. Estritamente falando, Ele está além do bem e do mal. Nós projetamos mentalmente nossa ideia de que o bem está separado do mal e, aumentando a dimensão do bem, nós o atribuímos ao Ser Infinito e chamamos este ser de bem. Ao mesmo tempo, esquecemos que aquilo que é bom requer algo melhor e este melhor requer algo ainda melhor. Isso demonstra como somos tolos quando parecemos nos dar por satisfeitos após chamá-lO de bom. Deus está, em verdade, além de nossa concepção de bom, que é relativa e limitada. Desta maneira, pode ser demonstrado que cada atributo que podemos pensar ou cada palavra que falamos são finitos em seus significados e ideias. Ainda assim, se formos mais a fundo, encontraremos que nenhum pensamento pode existir e nenhuma palavra pode ser falada a menos que haja um pensador ou agente autoconsciente por trás. Esta autoconsciência é causada pela luz da inteligência que provém do Eu. Portanto, o Eu é a Verdade absoluta que não pode ser expressada pela fala. O Eu é o iluminador da fala, porém nunca pode ser iluminado pelas palavras.

Seria o Eu (Atman) a mesma coisa que é adorada por todos os grandes devotos e adoradores de Deus? Seria ele algum tipo de Deus Pessoal que existe fora de nós e que dirige nossas mentes e sentidos através da vontade e do comando? Seria o Eu o mesmo Ser que é chamado por diferentes nomes, como Pai do Céu, ou Allah, a quem adoramos com orações e oferendas? Seria o Atman o mesmo que um anjo ou um espírito iluminado? O que ele é? Lendo a pergunta mental de seu discípulo, o mestre disse: “Ele não é aquilo que as pessoas adoram aqui”. O adorador de um Deus Pessoal, com nome e forma, não é o adorador da Verdade absoluta, porque ele adora um Deus fenomênico. Nome e forma, sendo ambos fenomênicos, tornam nossa concepção de Divindade em algo com um nome e uma forma, fenomênico e antropomórfico,

ou, em outras palavras, criamos um Deus ideal ao projetar nossas ideias, ao dar-Lhe atributos de acordo com nossa concepção e depois adorá-lO oferecendo nossas orações. As orações não são nada mais que palavras, enviamos essas palavras ao Deus Pessoal para obtermos determinados resultados, mas Ele, a quem rezamos com nossas palavras, não é o diretor da fala. Aquele Eu que está em nós e nos faz falar e rezar é diferente daquele que adoramos com nossas orações. O Deus Pessoal com uma forma e um nome não é o superior. Isso pode parecer estranho para nós, mas não temos como negar. Deus com nome e forma, que pode ser descrito com palavras e com os pensamentos de nossas mentes, não é o Absoluto. Existe um ditado: “Quando Deus é conhecido, Ele não é mais Deus, Ele é nossa imaginação”. A Divindade Absoluta é diferente daquilo que é adorado.

Repetindo, aquele que pode ser pensado pela mente não é a Verdade Absoluta, ou Brahman. Por isso, o mestre disse: “Aquilo que não pode ser conhecido pela mente, mas pelo qual todas as funções mentais são conhecidas, saiba que isso é o seu verdadeiro Eu (Brahman), mas ele não é aquilo que as pessoas adoram”. “Aquilo que não pode ser percebido pelos olhos, mas com o qual os olhos são habilitados para enxergar, saiba que este é o Eu (o Brahman Absoluto), e não aquilo outro que as pessoas adoram.” “Aquilo que não pode ser ouvido pelo ouvido, mas com o qual o ouvido é habilitado para ouvir um som, saiba que este é o Eu (o Brahman Absoluto), não aquilo outro que as pessoas adoram.” “Aquilo que não pode ser percebido pelo poder de sentir odores, mas com o qual o órgão de sentir odores percebe os odores, saiba que este é o Eu (o Brahman Absoluto), não aquilo outro que as pessoas adoram.” Esses versos mostram que o Eu verdadeiro, que é o diretor da mente e dos sentidos, não é o mesmo que o Deus Pessoal a quem as pessoas adoram, ele é um com o Brahman, a Verdade absoluta.

Ao ouvir isso, o buscador do Autoconhecimento entrou em meditação e procurou pelo iluminador, ou diretor da mente, aquele que está além do alcance de nossos pensamentos, palavras e poderes dos sentidos. Ele passou um tempo em Samadhi, ou estado de superconsciência, e, realizando o Eu, voltou ao plano normal de consciência e falou: “Conheci e realizei a Verdade absoluta. Eu conheci o Eu”. O mestre respondeu: “Se você acha que conhece o Eu, então você conhece muito pouco sobre ele”. Se você acreditar que conhece perfeitamente o Brahman Absoluto, na verdade você conhece muito pouco da Verdade que reside em você e também em todo o universo. A Verdade é uma. Quando você começa a pensar que conhece a Verdade, você está usando seu conhecimento secundário do intelecto, que não pode revelar o Absoluto. Se você imaginar que conhece o Eu, ou Brahman, que é o diretor da mente, você compreendeu muito pouco. Se você acha que o realizou como se ele estivesse em seu corpo, você não entendeu sua natureza absoluta. Se você acreditar que o conheceu como vivendo fora de seu corpo, você não realizou a Verdade. Se você tiver conhecido o Eu como Deus, o Criador do universo, você terá entendido um pouco a respeito dele.

Aqui surge a pergunta: “Por que sabemos tão pouco do Eu se o conhecemos como existindo em nosso corpo?”. Porque aquilo que é o diretor da mente não vive em um lugar, ele está além da relação de espaço. Assim, quando o tivermos conhecido como existindo em um lugar específico e não em outro lugar, não teremos realizado a Verdade. Repito, se nós o conhecermos como se ele existisse fora de nós e não em nós, também não teremos conhecimento de que este Ser é onipresente e está além da relação de tempo e espaço. No entanto, conhecemos apenas aquele tanto do Infinito que é limitado pelo tempo e espaço, e que está condicionado às suas relações.

O discípulo, então, sentou-se em meditação mais uma vez e sua alma, erguendo-se do plano dos pensamentos, entrou em estado

de superconsciência. Após permanecer assim por um tempo, ele voltou ao plano da consciência dos sentidos e declarou: “Não acho que eu conheça bem o Eu, nem sei que não o conheço. O Eu não é para ser conhecido, nem é o mesmo àquilo que é absolutamente desconhecido. Aquele que conhecer esta verdade o terá realizado (o Brahman Absoluto)”. O que ele quis dizer era que o Autoconhecimento está além do conhecimento relativo e da ignorância. Aquilo que sabemos através da compreensão é possível apenas com a luz da inteligência, que advém do verdadeiro Eu. Não há outro conhecedor do Eu, que é o iluminador da mente e dos pensamentos. O Eu é, na verdade, o eterno conhecedor, não há nada no universo que possa conhecer o Eu verdadeiro, ele que é a fonte de todo o conhecimento verdadeiro que possuímos. O Eu é sempre o sujeito do conhecimento, ou consciência, mas nunca seu objeto. O discípulo ainda disse: “Aquele que pensa que o Eu (Brahman) nunca pode se tornar um objeto do conhecimento está correto, mas aquele que pensa ‘Eu o conheci’, não realizou sua verdadeira natureza. O Eu (Brahman) não é conhecido por aqueles que pensam que ele é conhecido, mas ele é realizado por aqueles que pensam que ele não é conhecido”.

Isso parece um enigma, o que significa? Se analisarmos nossas percepções, o que encontraremos? Quando vemos uma cor, vemos que a sensação da cor é produzida pela luz, que é um tipo de vibração do éter. Um raio de luz que entra em contato com a retina causa um tipo de mudança molecular nela e isso é levado pelos nervos ópticos para dentro das células cerebrais causando uma determinada vibração molecular nas células. É necessário ter um ego consciente para traduzir essa vibração em uma sensação, a qual percebemos e chamamos de cor. Caso o ego consciente não esteja lá, então, as vibrações seriam levadas até os centros cerebrais, onde poderiam produzir outras mudanças, mas não necessariamente ver uma cor. Por exemplo, quando estamos olhando uma cor, nossa mente pode ficar subitamente distraída ou

concentrada em algum outro objeto, a cor pode continuar diante de nossos olhos mas não a veremos. Embora a vibração da luz tenha sido levada até os centros cerebrais, as mudanças moleculares foram formadas e todas as condições psicológicas preenchidas, mas não teremos a sensação da cor porque não há ninguém para traduzir as vibrações moleculares das células cerebrais na sensação de cor. O ego que faz essa tradução está concentrado em outro objeto. Porém, quando as mudanças são traduzidas pelo ego em sensações, aí então nós as percebemos. Agora vamos mais a fundo. Por trás desta percepção intelectual, há a autoconsciência do ego. Se o ego estiver inconsciente, se não houver qualquer sentido de "eu", as vibrações virão através dos sentidos e passarão sem produzirem qualquer sensação na mente. Se a mente estiver separada da fonte de percepção e inteligência, as sensações continuarão na mente subconsciente sem afetar o ego consciente. Essa fonte de consciência em nós é o conhecedor. Ela é nosso Eu verdadeiro.

Sabemos que estamos sentados aqui. Quando andamos, sabemos que estamos andando. Quando executamos uma ação, sabemos que a estamos executando. Este conhecedor de todos os atos e pensamentos é o diretor. Este conhecimento é diferente do nosso Eu verdadeiro? Não, ele é inseparável do nosso Eu. Nosso Eu verdadeiro é como um mar de inteligência. Algumas pessoas dizem que o conhecimento provém do Eu, ou, em outras palavras, aquilo de onde provém este conhecimento é o Eu. Isso implicaria que o Eu está separado do conhecimento e levantaria a pergunta: "Qual é a natureza do Eu verdadeiro?". De acordo com a Vedanta monista, a verdadeira natureza do Eu, ou Atman, ou Brahman, é o conhecimento absoluto, ou inteligência absoluta, que nunca muda. As funções do intelecto e da mente são mutáveis, mas o Autoconhecimento é imutável. Suponha que você tenha um sentimento. Quando ele surge, você o sente e sabe que ali está tal sentimento. Quando ele declina e outro toma seu lugar, você também conhece aquele novo sentimento que está ali. O

conhecimento pelo qual você conhece cada sentimento não pode ser conhecido por qualquer outro conhecimento, já que existe apenas um conhecimento no universo. Consequentemente, o conhecedor daquele conhecimento não pode ser conhecido por qualquer outro conhecimento. Aquilo pelo qual você conhece a existência de um sentimento, ou sensação, não pode ser revelado pelo intelecto, compreensão ou qualquer outra faculdade. A compreensão intelectual depende dele (do Eu). Sempre que percebemos qualquer objeto através dos sentidos, aquele conhecimento é uma expressão parcial do Eu, ou conhecimento absoluto, que dirige a mente e os sentidos para que eles executem suas funções.

A natureza do Eu é onisciente. O conhecimento dessa natureza não depende de uma relação entre o conhecedor e o objeto de conhecimento, mas continua imutável mesmo quando todos os objetos de conhecimento deixarem de existir. Este Eu onisciente pode ser comparado ao sol autorrefulgente. Assim como a natureza do sol é iluminar a si mesmo e também os outros objetos, do mesmo modo, a luz do Eu ilumina sua própria natureza e também o mundo fenomênico. O sol pode iluminar tudo e também iluminar sua própria forma, não precisamos de uma vela ou tocha para vê-lo, assim, nós o chamamos de autorrefulgente. Autorrefulgente não precisa de nenhuma outra luz para iluminar sua natureza. Pelo mesmo motivo, o Atman é tido como sendo o sol autorrefulgente do conhecimento. Este conhecimento com o qual percebemos todas as sensações, sentimentos, funções orgânicas, intelecto, compreensão e outras atividades da mente e também dos objetos externos, como o sol, lua, estrelas, é a luz do Atman, ou Eu, autorrefulgente, que é a fonte de inteligência e consciência.

Este Atman autorrefulgente é o conhecedor, ou diretor, da mente e dos sentidos. A mente e os sentidos não farão suas funções se estiverem separados da luz autorrefulgente do conhecimento. A

mente, como já vimos, é "uma matéria mais sutil em vibração". A Vedanta não ensina que a mente é o mesmo que Eu, ou espírito. Não há inteligência na vibração da substância mental. Ela não é a fonte da consciência. Todas as atividades da mente podem cessar, mas ainda podemos manter consciência de nosso Eu. Em estado de Samadhi, não pode haver qualquer sentimento como medo, raiva ou outra modificação da substância mental, como volição, desejo, emoção, vontade, determinação, cognição ou compreensão, mas ainda não se perde a autoconsciência nem se torna absolutamente inconsciente naquele estado. Isso prova que a consciência pura, ou inteligência pura, está separada e é independente das funções mentais.

Todas essas funções e sensações podem ser interrompidas ao entrar em superconsciência, em resumo, pode-se cortar todas as conexões com o corpo e com a mente e ainda continuar consciente no plano superior. Será difícil para aqueles que não realizaram Samadhi compreenderem essa verdade. O conhecimento intelectual não revelará o Eu, devemos aprender os métodos para ir além do intelecto e elevar-nos acima do plano dos pensamentos se quisermos realizar o Eu Absoluto, ou Atman. A compreensão intelectual, sendo relativa e imperfeita, não pode transcender os limites dos fenômenos e não pode chegar à esfera do Absoluto. Por isso, é dito: "Aquele que pensa que conhece o Eu, não o conhece".

O autoconhecimento precede até mesmo a concepção de Deus. Se o pensamento sobre Deus que está em nossa mente for separado da autoconsciência, tal pensamento se esvai e torna-se inexistente instantaneamente. Conhecemos Deus porque existe conhecimento em nós, porque a luz do Eu revela a existência de Deus. Se for assim, perguntamos: "O que é superior, o Deus Pessoal ou o Eu?". O Eu é superior porque ele ilumina a existência de Deus. Essa fonte de conhecimento, que é a Verdade absoluta, é superior ao Deus Pessoal, uma vez que ele, que pode ser descrito com

palavras e pelo pensamento, fica sujeito à mente e à fala, consequentemente para o Atman, que é o diretor da mente e da fala, o Deus Pessoal deve ser menor ou menos do que aquilo que o governa. Assim, quando tentamos conhecer nosso Eu verdadeiro, não tentamos conhecê-lo da mesma forma como conhecemos a existência de um livro ou de uma árvore, porque tal tipo de conhecimento nunca revelará o verdadeiro Eu. Devemos não tentar ver as formas porque não há formas no Eu. Não devemos fazer dos objetos dos sentidos, como som, cor, odor, toque, e a partir deles começar uma investigação sobre o Eu, pois eles estão no plano relativo, enquanto o Eu é o Ser Absoluto.

Assim, podemos compreender a diferença entre o plano relativo e o absoluto. Enquanto estivermos no plano relativo, não podemos atingir o Absoluto, porque o conhecimento absoluto, pelo qual conhecemos a existência das coisas que se relacionam umas com as outras, está além de todas as relações e é infinito. Todos os fenômenos relativos existem dentro e através do Absoluto, mas o Atman Absoluto é independente e auto-existente. Se fôssemos seres não-inteligentes e não possuíssemos o Autoconhecimento, aquelas sensações e percepções não teriam relação conosco. O conhecimento puro do Eu Absoluto pode ser comparado ao fio que passa por dentro das pérolas das percepções, ideias e pensamentos que surgem em nossas mentes, colocando-as todas em um conjunto harmonioso, formando uma guirlanda com nossas experiências diárias. Este conhecimento puro não deve ser confundido com o conhecimento relativo, que é finito e relacionado à ignorância, ou não-conhecimento. O Eu, sendo o conhecedor da ignorância, é superior e maior, e é com sua luz de conhecimento absoluto que percebemos que conhecemos tal coisa e desconhecemos outra coisa.

Na Vedanta é dito: “O Eu é o conhecedor daquilo que vê, ouve, pensa ou percebe. Ele é o conhecedor do corpo, dos sentidos, da mente, do intelecto e do coração com os quais identificamos este

Eu”. Com essa identificação, quando o Eu aparece como ego, dizemos que somos o ouvinte, o espectador, o observador e o pensador, mas o ego vê, ouve, pensa e percebe, sendo dependente do conhecimento puro do Eu. Na verdade, o ego não pode existir sem o Autoconhecimento. O Autoconhecimento e a existência são uma e a mesma coisa. Sabemos que estamos aqui, se por um momento esquecermos que estamos neste local, ou se ficarmos inconscientes de nossas redondezas, continuaremos inexistentes em relação aos nossos ambientes. Assim, embora possam tentar separar nosso Autoconhecimento de nossa existência, jamais seremos capazes disso, já que o conhecimento, ou consciência, e existência são inseparáveis. Quando tivermos realizado o Autoconhecimento, teremos compreendido nossa existência e descoberto que o diretor da mente é todo o conhecimento e toda a existência. Dizemos que o sol existe. Por que? Porque estamos conscientes dele. Quando não estamos conscientes dele, como se entrássemos em um transe, ele não existiria em relação a nós. O Autoconhecimento é, então, o padrão de todo o conhecimento e existência relativos. Aqui está o começo e o fim da existência de todos os objetos que podemos pensar ou perceber. O momento em que estamos inconscientes de nossos corpos e tudo mais deste mundo, os objetos deixam de existir em relação a nós. Todos nós experimentamos essa verdade durante o sono profundo, quando nossa conexão consciente com o corpo, tendo sido cortada, deixa de existir e consequentemente não reivindicamos nada do mundo material como sendo nosso. Porém, nossa consciência retorna para o corpo e, instantaneamente, o corpo, junto a tudo relacionado a ele, aparenta nos pertencer. Portanto, é dito que o conhecimento e a existência são um.

A Vedanta dá esses dois atributos ao Eu Absoluto, que é o diretor da mente. O primeiro é a existência absoluta, em sânscrito é “Sat”; o segundo é o conhecimento absoluto, ou inteligência, “Chit”. Esses dois, assim como já vimos, são um e inseparáveis. Um terceiro atributo, no entanto, também é dado pela Vedanta. É

chamado em sânscrito de “Ananda”, significando felicidade pura, ou bem-aventurança. Onde prevalecem o conhecimento e a existência absolutos, também haverá felicidade absoluta, ou bem-aventurança. Isso é diferente do prazer mutável, ou da felicidade relativa. Bem-aventurança imutável é sempre acompanhada de paz absoluta. Sempre que houver felicidade verdadeira, deverá haver também paz absoluta, e a mente não ficará buscando nada mais, apenas desfrutará e tentará possuir aquela felicidade e jamais se separar dela. Os prazeres comuns, que confundimos como sendo a verdadeira felicidade, podem ser agradáveis por um tempo, mas no momento seguinte não gostamos mais deles e queremos nos afastar. Pense em como são transitórios os prazeres que podem surgir dos sentidos, eles duram por pouco tempo e, como resultado, trazem sofrimento. A verdadeira felicidade, no entanto, é imutável. Ela não causa reações e é eterna. Apenas no estado de existência absoluta e conhecimento puro, a paz absoluta e a felicidade verdadeira podem ser encontradas. Assim é o reino do nosso verdadeiro Eu, que está acima de toda a relatividade e além de todas as condições desta Terra. Este Sat-Chit-Ananda indivisível, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança absolutos, é realizado pelo discípulo em Samadhi como o diretor da mente e fonte de todos os fenômenos do universo.

Ele disse depois: “Aquele que perceber que aquilo que se manifesta dentro de nós como sendo o Eu consciente, atingirá a imortalidade”. A morte quer dizer uma mudança do corpo. O corpo pode morrer, a mente pode morrer, os sentidos podem morrer, mas o conhecimento puro nunca morre. Quando sabemos que algo está morrendo e se não nos identificamos com aquilo, mas tornamos-nos conscientes do Eu absoluto, com certeza atingiremos a imortalidade. Se por uma vez concebermos a ideia de que somos o Ser Absoluto, como poderemos ser transformados pela morte em um não-ser? Como um ser não pode surgir de um não-ser, ele também não pode retornar ao estado de não-ser. A existência pura

nunca poderá se tornar inexistente, esta é a prova da imortalidade. O Eu Absoluto, ou Atman, é o Ser imortal. Ele também é Brahman, o começo e o fim do universo. O mesmo ser eterno é adorado como Deus com vários nomes e formas. Ele é o Ser que reside em nós e é inseparável do nosso verdadeiro Eu. O Ser Absoluto não é muito, mas apenas um. Se houvessem muitos Seres Absolutos, eles ficariam limitados uns aos outros e, consequentemente, não seriam absolutos. Apenas o Ser Absoluto é imortal e sem morte, e ao tomarmos conhecimento disso, tornamo-nos também imortais. Nenhuma Encarnação Divina pode nos dar a imortalidade se nós já não a possuirmos. A crença cristã de que a imortalidade pode ser obtida apenas pela graça de Jesus Cristo não está fundada no conhecimento da natureza imortal de nosso Eu verdadeiro. Os estudantes da Vedanta não são iludidos por tais declarações. Eles tentam primeiramente conhecer o Eu verdadeiro e depois percebem que a imortalidade é um direito de nascença.

Uma vez que o Eu verdadeiro é a fonte de toda força, o discípulo disse: “Ganhamos força e imortalidade com o Autoconhecimento”. A verdadeira força chega a nós quando tivermos conhecimento daquilo que é imutável e imortal. A força espiritual adquirida com o Autoconhecimento é maior do que toda a força material, física, mental e moral juntas. Todos os outros poderes, exceto a força espiritual, estão sujeitos às mudanças e à morte. Poucas pessoas compreendem o significado de “força espiritual”. Com a palavra “espírito” não queremos dizer um espírito desencarnado, mas o Espírito Absoluto, ou Eu, ou Atman, ou Brahman. O Espírito é aquele Eu, que é a fonte da inteligência absoluta e que é o Ser Absoluto. Sabendo disso, chega-se à força espiritual, que é superior à força física e psíquica. Com a força física, um homem pode matar um tigre ou destruir milhares de mortais, mas ela não o protegerá da morte. Ele pode possuir força, mas ela não salvará sua vida no momento final. Ele pode ganhar poder psíquico e fazer ações maravilhosas, mas isso também não vai interromper as mudanças do corpo e da mente. A força espiritual, no entanto,

trazida pelo Autoconhecimento, liberta a pessoa do nascimento e morte. Aquele que adquiriu poderes físicos e psíquicos continuará sujeito ao nascimento e morte, mas se ele souber do Ser imortal, ele se tornará um mestre do universo. As gigantescas forças da natureza servem e obedecem aos comandos daquele que atingiu o Autoconhecimento. “Se um homem conhece tal Eu, ele terá ganho a Verdade”. Neste mundo de imperfeições, aquele que conhecer o Eu terá realizado a Verdade Absoluta e terá preenchido o maior propósito da vida. Ele atingirá liberdade absoluta, paz perfeita e felicidade verdadeira nesta vida. Porém, “se não souber disso, para ele haverá grande sofrimento”. Aquele que não realiza o Eu retorna para esta Terra repetidas vezes e, permanecendo em ignorância, procura pelos prazeres dos sentidos e sofre com grandes tristezas e sofrimentos. Ele não escapa da lei do Karma e da reencarnação.

“Os sábios, que realizaram o Eu absoluto onipresente (Brahman) em todos os objetos animados e inanimados, tornam-se imortais após deixarem este mundo.” O conhecedor do Eu Absoluto e Imortal torna-se um com ele e permanece como o Espírito imortal e perfeito para sempre.

“Aquilo que é o Infinito é bem-aventurança. No Finito não há bem-aventurança. Apenas a Infinitude é bem-aventurança. Tal Infinitude deve ser realizada. O Eu (Atman) é o Infinito. Ele está abaixo, acima, atrás, à frente, à direita e à esquerda. O Eu é tudo isso. Quem vê, percebe, compreende e ama o Eu regozija-se no Eu, revela-se no Eu, deleita-se no Eu, torna-se o Senhor e Mestre em todos os mundos.”
~ Chandogya Upanishad

Imortalidade e O Eu

No *Brihadaranayaka Upanishad*, do *Yajur Veda*, lemos que houve um grande sábio na Índia antiga chamado Yajnyavalkya. Ele era um vidente da Verdade e vivia uma vida pura, virtuosa e de retidão. Ele tinha uma esposa devotada cujo nome era Maitreyi. Ele fazia todos os deveres de um chefe de família e também os de um bom cidadão, e vivia em paz fazendo o bem aos outros. Como resultado de todo esse trabalho exemplar e inegoísta, seu coração foi purificado e seus olhos foram abertos à Verdade espiritual. Ele compreendia a transitoriedade e a natureza impermanente do mundo dos fenômenos e, percebendo que a vida como chefe de família era apenas um estágio no processo evolutivo, ele desejou entrar em um estado superior para fazer mais progressos. Ele entendeu a insensatez das pessoas que levavam uma vida mundana e que viviam para alcançar seus desejos terrenos. Assim, decidiu por viver em reclusão e devotar o resto de seus dias à busca da Verdade eterna. Ele queria tomar refúgio na Realidade absoluta do universo retirando-se para a floresta, onde não seria perturbado pelo mundo. A meditação constante no Eu verdadeiro tornou-se o objetivo deste grande sábio.

Um dia, ele foi até sua esposa e disse: “Amada Maitreyi, desejo muito ir para a floresta, deixando com você minhas riquezas, propriedade e tudo aquilo que me pertence. Desfrute de tudo isso e dê-me sua permissão”. Ao ouvir isso, Maitreyi sentiu-se extremamente infeliz, mas tendo uma mente espiritualizada, ela perguntou: "Bhagavan, por favor me diga, se eu possuir o mundo todo, com toda a riqueza que ele tem, eu ganharia a imortalidade com isso?”. Ela não era como as esposas de hoje, que são gananciosas por riquezas e posses, e muito sedentas por herança. A esposa não tinha ambição pelas propriedades materiais como uma mulher do mundo, ela compreendia que a imortalidade era o

mais elevado de todos os tesouros. Sendo guiada por este ideal, ela perguntou: “Eu seria imortal se possuísse todas as riquezas e propriedades que você vai me dar?”. “Não”, respondeu o sábio, “se você possuir propriedade e riqueza do mundo, você viverá como os ricos que desfrutam dos bens, da maneira como eles aproveitam dos desejos, luxúrias, confortos e prazeres da existência terrena. Não há expectativas em se obter a imortalidade através da riqueza. Ninguém jamais se tornará um imortal devido às riquezas ou posses materiais”. A esposa respondeu: “O que devo fazer com cada uma dessas coisas que não me torna imortal? Se você tiver algo que me torne imortal, por favor dê-o para mim. Não me importo com sua riqueza”. O marido, o grande sábio, disse: “Você é de fato a minha amada. Você falou muito bem. Se assim desejar, eu te contarei a respeito de como obter a imortalidade. Ouça com atenção o que lhe direi”.

Primeiramente, ele explicou a verdadeira natureza do objeto do amor. Ele disse: “As pessoas amam seus pais, filhos, maridos, esposas, propriedades, riquezas e todas as outras coisas que possuem, porém desconhecem o que amam em realidade. O verdadeiro objeto do amor não é algo material, mas aquilo que está por trás da forma material. Ó querida, por isso lhe digo: 'Uma esposa ama seu marido não pelo marido em si, mas sim pelo Atman, o Eu que está dentro, é por isso que o marido é amado’. A esposa não ama as partículas da matéria que constituem o corpo de seu marido, mas ama a alma, o Atman, que está por detrás da forma. ‘O marido ama sua esposa não pela esposa em si, mas sim pelo Atman, o Eu que está dentro, é por isso que a esposa é amada.’ O corpo físico da esposa não é amado por seu marido, mas sim sua alma, seu Atman, é adorado por ele. O marido não tocará no cadáver da esposa, ele não vai amá-lo quando a alma da esposa tiver ido embora. ‘As pessoas amam seus filhos não pelos filhos em si, nem pela forma material deles, mas os amam pelo Atman, pelo Eu, é por isso que os filhos são amados’”. Quando uma mãe ama seu filho, você acha que ela ama a matéria que

constitui o rosto ou o corpo do filho? Não, é o Eu que, existindo por trás das partículas materiais, dá ao filho aquela forma, atraindo a alma da mãe. Esta é a atração entre duas almas no plano espiritual do Eu. Quando as pessoas amam seus parentes e amigos, a atração entre as almas está na base da expressão do amor verdadeiro entre elas.

"Em verdade, a riqueza não é desejada, ó querida. Para que ame a riqueza, deve amar o Atman, o Eu, depois a riqueza poderá ser desejada." O centro do amor é o Atman, ou Eu. Quando amamos a riqueza ou as propriedades, nossa atração está dirigida ao Eu onipresente, estejamos conscientes disso ou não. Amamos os animais, os cachorros, cavalos, pássaros, mas não por causa de suas formas animais, mas pelo Atman, o Eu, que reside dentro deles. Desta maneira, Yajnyavalkya demonstrou que sempre que houver amor verdadeiro, haverá a expressão do Eu verdadeiro, ou Atman. "Ninguém, ó querida, ama um animal pelo animal em si, mas pela alma do animal." O cadáver material de um animal não pode inspirar amor em nossas almas. "As pessoas amam os sacerdotes (Brâmanes), os guerreiros (Kshatriyas), os mundos celestiais (Lokas), os espíritos iluminados (Devas), as Escrituras (*Vedas*) e todos os outros objetos animados e inanimados, mas não pelos objetos em si, mas é pelo Eu (Atman) que tudo isso é amado."

Quando uma pessoa ama outra devido ao seu próprio eu inferior, ou ego, isso é um amor extremamente egoísta, mas quando este amor é dirigido ao Eu, ou Atman, que existe em uma outra pessoa, ele deixa de ser egoísta e leva gradualmente ao Amor Divino. Em tudo reside o Eu, ou espírito imutável, que atrai nossas almas. Não conhecemos a natureza daquele Eu, ou Atman, ao qual todo o amor, seja egoísta ou inegoísta, é dirigido, e a partir do qual todo o amor existe, seja amor pela riqueza, pela propriedade ou pelos objetos materiais. O avarento ama as riquezas, mas sabe perfeitamente bem que as riquezas não querem dizer nada mais do

que um meio para a troca, que essas riquezas podem trazer apenas prazeres e confortos ao corpo. Ele está preso ao seu eu inferior e é por isso que ele ama a riqueza, que enriquece seu ego. O eu inferior de tal homem é o centro da atração e tudo que traga felicidade é muito querido a ele. “Portanto, ó Maitreyi, o Eu (Atman) deve ser realizado, deve ser ouvido, deve ser pensado, deve ser meditado. Ó querida! Quando o Eu for ouvido, pensado, meditado ou realizado, então tudo será conhecido. Você deve conhecer a verdadeira natureza do Eu, que é o centro de toda a atração, de onde provém todo o amor e para onde este amor é dirigido. O Eu deve ser ouvido e deve-se meditar nele constantemente. Quando a mente se concentra nele, sua verdadeira natureza será revelada. Pela realização do Eu verdadeiro, através do ouvir constante, da concentração e da meditação, o Autoconhecimento e a Imortalidade poderão ser atingidos.”

Yajnyavalkya continuou: “Se uma pessoa ama e se importa com outra apenas devido ao corpo material e às posses, aquele que ama é abandonado por aquele que é amado. Se não nos importamos com o Eu do outro, mas amamos suas matérias mortais, acreditando que não haja uma alma naquela pessoa, você acha que a pessoa ficará satisfeita? Não, aquela pessoa nos deixará instantaneamente. Se amamos um sacerdote (Brâmane) pensando que não existe um Eu nele, seremos abandonados por ele. Ele vai nos deixar imediatamente. Se formos a um rei, pensando que não existe um Eu nele, mas que ele é apenas uma massa de matéria morta, não poderemos ser amados por ele, ao contrário, seremos abandonados por ele. Ele se afastará se souber que o amamos não por ele mesmo, mas por suas posses materiais. Pelo mesmo motivo, quem sabe que não há nenhum Eu nos paraísos, nem nos deuses (Devas), nem nas Escrituras (*Vedas*), nem nos objetos animados e inanimados, será abandonado por cada um desses”. Se pensarmos sobre um amigo falecido, pensando que não haja alma nele, certamente sentiremos sua falta. Se amamos Deus, conhecendo-O como uma massa de

matéria inconsciente, mas sem amar Seu Eu, ou Atman, espiritual, divino e imortal, Ele nunca virá a nós, seremos abandonados por Ele. Assim, podemos perceber que quem conhece qualquer coisa além daquilo que é o Eu verdadeiro, ou Atman, é e deveria ser abandonado por tudo, porque tudo existe em relação ao Eu. "O Eu é tudo e tudo é o Eu." Aquilo que vemos, percebemos ou pensamos está inseparavelmente conectado ao Eu, ele é um com o Eu e é, na verdade, nada além do Eu.

Aqui pode ser questionado: como é possível para que nós realizemos que tudo é o Eu? Para explicar isso, Yajnyavalkya dá as seguintes ilustrações: "Assim como o som de uma concha, ou de um apito, quando tocado não pode ser diferenciado sem se referir à própria concha ou ao apito, ou como o som de um alaúde quando tocado, que pode ser conhecido apenas ao referir-se a ele como um alaúde. Assim como esses sons em particular não são nada além de manifestações variadas de um som em comum, do mesmo modo, aquele Eu, ou Atman, comum, que é a Realidade do universo, aparece com uma variedade de nomes e formas que percebemos com os sentidos. A partir de uma única fonte de fogo, quando coloca-se combustível, gradualmente emanam nuvens de fumaça e chamas, que não existiam antes; do mesmo modo, ó querida, a partir de um grande Ser, o Eu (Brahman), a fonte comum de conhecimento e inteligência foi, espontaneamente, criado todo o conhecimento que possuímos, como os quatro *Vedas* (as Escrituras), os vários ramos da ciência e da filosofia, tudo que existe neste mundo e também no mundo celestial".

Comumentemente, atribuímos o conhecimento científico a alguns indivíduos específicos, mas, na verdade, todo tipo de conhecimento que encontramos em pessoas diferentes - cientistas, Yogis e filósofos - provém apenas daquela única fonte, o Eu. Assim como de apenas um fogo surgem a fumaça, as fagulhas e as chamas, do mesmo modo, a partir deste único Eu Infinito surgiram todas essas ciências, filosofias e verdades espirituais descritas em diferentes

Escrituras do mundo, assim também como as verdades sobre as artes e a história. O conhecimento que possuímos e do qual fazemos uso em nossa vida diária é a expressão daquele conhecimento absoluto, que é eterno, único, indestrutível, imutável e que traz imortalidade àquele que é o conhecedor que percebe o Eu.

No início da evolução cósmica, todos os fenômenos e também o conhecimento surgiram deste único Eu Infinito, ou Brahman. Assim como um ser humano naturalmente expira o ar que entra em seus pulmões, a energia latente de Brahman espontaneamente expira o conhecimento e todos os fenômenos que existiam potencialmente nele antes da evolução do universo. Novamente, no momento da dissolução, eles retornarão ao Ser Infinito e continuarão latentes como a energia de Brahman, da mesma maneira como os rios, riachos, córregos e todas as águas que existem em um lugar chegam ao oceano no final. O oceano do Brahman Infinito é o objetivo final, assim como a fonte de todo o conhecimento e dos fenômenos do mundo. “Assim como a fonte de todo o sabor está na língua, do toque está na pele, de todos os odores no nariz e de todas as cores no olho, de todo os sons no ouvido, de toda a percepção na mente, de todo o conhecimento na inteligência, o Eu, ou Atman, ou Brahman, é a fonte de toda a inteligência”.

Dessa maneira, Yajnyavalkya explicou para sua esposa como o Eu Infinito é o Começo e o Fim, o Alpha e o Ômega de tudo. No momento da evolução, tudo surge dele e durante a involução, ou dissolução, tudo retorna à mesma fonte de tudo. O Eu Infinito, Atman, Brahman, é uma massa de inteligência sem uma segunda, não existe dualidade ou multiplicidade nesta substância única. “Assim como o sal que não tem nem lado de dentro e nem lado de fora, mas é uma massa de sabor, do mesmo jeito, o Eu Absoluto não tem nem lado de dentro e nem lado de fora, mas é, ele todo, uma massa de inteligência ilimitada, sem início e sem fim.”

Este Ser Infinito aparece sob dois aspectos, o universal, que é chamado de Brahman, e o individual, que é chamado de Eu, ou Atman. Como ele é a fonte da consciência individual, ele manifesta a si mesmo de várias formas quando está conectado ao nosso corpo material e aos sentidos. Porém, quando ele deixa este corpo material, os sentidos param de perceber os objetos e os elementos voltam aos seus estados causais de onde surgiram. Após a morte, não se pode perceber os objetos dos sentidos. “Ó querida! Com verdade lhe digo que embora o Eu seja uma massa de inteligência que deixou o corpo, ele não possui nenhuma consciência mortal em particular.” A expressão da inteligência no plano dos sentidos cessa após a morte.

Ao ouvir isso, Maitreyi respondeu: “Ó sábio senhor! Você me confundiu com tal afirmação: ‘Esta massa de inteligência não possui uma consciência particular após a morte’. Como isso é possível?”. Yajnyavalkya respondeu: “Ó querida! Não digo nada que seja confuso. A natureza do Eu (Atman) é imperecível. Para que se ilumine, darei a explicação. O Eu é sem morte e imortal por natureza. Contanto haja a dualidade do observador e do objeto de observação, nós veremos e perceberemos, sentiremos seus cheiros, saborearemos, tocaremos, pensaremos e conheceremos os outros objetos”. O Eu individual percebe os objetos dos sentidos enquanto permanece no plano da dualidade, ou relatividade. A percepção da visão é possível apenas quando o espectador está relacionado a um objeto de visão. Se não nos relacionamos àquilo que designamos odor, como poderemos cheirá-lo? O ego não pode ouvir um som, ou sentir um sabor ao entrar em uma relação direta com tais objetos de sensação. Desta maneira, ele nunca pode demonstrar que todas as percepções e sensações precisam ter uma relação entre sujeito e objeto, porém, quando entramos em sono profundo, não vemos, ouvimos, saboreamos, cheiramos ou percebemos nada. Tais objetos existem no plano dos sentidos, mas quando estamos acima e além deste plano, ou quando tivermos ido para o plano onde não há nem visão, nem odor, nem som, nem

gosto, como poderíamos ver, ouvir ou perceber qualquer coisa? Todas as almas individuais, que estão em estado de sono sem sonhos, ficam em estado equânime sobre suas realizações. Não podemos distinguir a alma de um homem da de uma mulher enquanto ele ou ela estiverem em sono profundo, seria impossível diferenciá-las. Do mesmo modo, no estado de Samadhi, ou superconsciência, onde não há nem dualidade e nem multiplicidade, mas apenas um oceano infinito de inteligência, o que poderia ser ouvido, cheirado ou saboreado? Onde não existe nem relatividade, nem qualquer objeto de percepção, como alguém pode tocar, conhecer ou pensar em algo? "Como alguém conhece aquilo pelo qual alguém conhece tudo?" Existe algum poder do conhecimento pelo qual podemos conhecer o Eu, que é o conhecedor de tudo? Não, porque apenas o Eu verdadeiro é o Conhecedor do universo.

Se buscarmos conhecer o Eu dentro de nós, qual seria o melhor método? Através da discriminação correta e da análise podemos diferenciar o conhecedor do objeto de conhecimento. Neste processo de discriminação, devemos rejeitar mentalmente tudo fora do conhecedor dizendo "Não isso, não isso". [*N.T.: o método Neti Neti*] Assim, quando todos os objetos, incluindo todas as sensações, percepções, pensamentos, sentimentos e outras funções mentais e intelectuais forem removidos pela discriminação correta, o Eu onisciente será realizado em Samadhi. O Eu, ou conhecedor, não pode ser compreendido pelo intelecto, ele é incompreensível. O Eu não pode perecer, ele é imortal. O Eu não pode ser destruído por nada, ele é imutável. O Eu é intocado, ele não é tocado por nenhum objeto. O Eu é irrestrito, ele é livre. Ele não sofre, está além de todo sofrimento. Ele não falha, é sempre o mesmo. "Como, ó querida, pode o Conhecedor ser conhecido e por quem? Até aqui, ó Maitreyi, a verdadeira natureza do Eu pode ser descrita e, para além disso, está a realização em Samadhi, que traz a obtenção da imortalidade. Quem já realizou o Eu torna-se imortal. O conhecimento do Eu, que é a fonte de todo o amor, fonte

da inteligência, da existência e de toda a bem-aventurança, faz com que se atinja a imortalidade”. Falando assim, Yajnyavalkya, o grande vidente da Verdade, retirou-se para a floresta e, devotando todo seu tempo a meditar neste Eu eterno e finalmente realizando sua verdadeira natureza em Samadhi, ele obteve a vida imortal.

O Autoconhecimento é o objetivo da vida. Apenas com isso podemos entender o universo e como ele veio a existir, porque ele permanece e para onde irá após a dissolução. Ao conhecer nosso verdadeiro Eu, podemos saber o que acontecerá com todos os fenômenos no momento da involução geral, e se quisermos nos tornar imortais, devemos conhecer este Eu, ou Atman. Não há outro caminho para a imortalidade.

“Eu conheço este grande Atman, radiante como o sol autorrefulgente e além da escuridão da ignorância. Apenas ao conhecê-lo, pode-se cruzar o oceano da morte. Não há outro caminho, não há outro caminho.”

Notas:

1. *Bhagavad Gita*, 2.23

2. O elemento rádio foi descoberto em 1898.

3. *Isha Upanishad*, verso 6.

4. *Isha Upanishad*, verso 7.

5. *Isha Upanishad*, verso 8.

6. Marconi refere-se aos aparelhos elétricos da época, feitos pela empresa de mesmo nome, uma das pioneiras da telegrafia sem fio, fabricação de rádios e outros equipamentos, estabelecida no final do século XIX.

Traduzido do original em inglês *Self Knowledge* - *Atma-Jnana*, de Swami Abhedananda (Vedanta Society of West Cornwall, 1905) por Mariângela Carvalho, 2021.